



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
CURSO DE GEOGRAFIA- BACHARELADO

A MODERNIDADE EM CORPOS NEGROS: uma análise do racismo
cotidiano brasileiro e sua materialização nos espaços urbanos

LAÍS GABRIELA DA SILVA

SÃO JOÃO DEL-REI

2022

LAÍS GABRIELA DA SILVA

A MODERNIDADE EM CORPOS NEGROS: uma análise do racismo cotidiano brasileiro e sua materialização nos espaços urbanos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de São João del Rei.

Orientadora: Tatiane Marina Pinto de Godoy

SÃO JOÃO DEL-REI

2022

LAÍS GABRIELA DA SILVA

A MODERNIDADE EM CORPOS NEGROS: uma análise do racismo cotidiano brasileiro e sua materialização nos espaços urbanos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de São João del Rei.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Tatiane Marina Pinto de Godoy

Universidade Federal de São João del Rei

Prof. Dr. Ivan Ignacio Pimentel

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

São João del-Rei, 23 de novembro de 2022.

Dedico esse trabalho às
mulheres pretas que se
atrevem em existir e ocupar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por me iluminar e conceder a sabedoria necessária.

Agradeço a minha mãe por ser uma mulher forte e persistente, por me dar condições de estudar em uma universidade, possibilitar minha dedicação aos estudos e me ensinar sobre a vida. Ela é minha luz.

A minha vó, que se fez de lar e me acolheu tão bem no seu colo. Em memória, ela é minha paz.

A minha irmã, agradeço as conversas diárias, risadas sinceras e conhecimentos trocados ao longo dos nossos dias. Com você, esse trabalho foi leve e sério de realizar, obrigada por tanto. Ela é meu apoio.

Agradeço meu padrasto por ser a pessoa que sempre me ajudou e mesmo com poucas palavras, diz muito. A ele, minha gratidão.

Agradeço meus amigos de graduação pelos momentos no CTAN de descontração e fora da faculdade os encontros da geografia ficarão sempre guardados com carinho.

Ao meu orientador de Iniciação Científica Ivan, agradeço por me incentivar a cada encontro e acender a chama do conhecimento quando a chamada on-line encerrava. Com você entendi a minha negritude e como estudar a mesma na Geografia Humana.

À professora Tatiane, minha orientadora dessa pesquisa que se dedicou a me auxiliar a encontrar um tema, um norte em meio de tantas dúvidas. Obrigada por me ensinar a ler a cidade, compreender as relações, e pelo trabalho de campo realizado em 2019. A turma andando pela cidade e observando-a e percebendo como é ocupada foi um aprendizado sobre meu próprio espaço, esse dia foi marcante.

E por fim, agradeço a Universidade Federal de São João del-Rei e suas implementações de políticas públicas e ensino de qualidade, que permitiram minha caminhada acadêmica.

Obrigado a todos que mesmo de longe acreditaram em mim até aqui.

Quem cede a vez não quer vitória

Somos herança da memória

Temos a cor da noite

Filhos de todo açoite

Fato real de nossa história

(ARAGÃO, 1992).

RESUMO

A geografia dos corpos aliada a geografia urbana nos permite compreender processos de produção e reprodução do espaço. Conseguir ter a noção da prática-social do espaço é fundamental para desvendarmos as mazelas da escravidão ainda enraizadas na sociedade. Conhecer o espaço como objeto de estudo e dimensão social materializada se aplica em nossa realidade para refutarmos ideias que compreendem o espaço somente como dado científico. A partir disso, analisar o racismo cotidiano e suas máscaras silenciadoras é indiscutível na realidade atual brasileira, que já carrega consigo heranças escravistas de uma configuração europeia e colonial. Pensar a análise do processo da produção do espaço requer, então, conhecer nossos ancestrais, como os Benguelas que aqui se [re]construíram e encontraram novamente suas identidades africanas, deixando seus indicadores na cultura e em irmandades das Igrejas de São João del-Rei. A interseccionalidade presente na mulher preta gera diversos fatores que precisam ser discutidos e enfrentados, de modo que as mulheres possam existir e viver em espaços, não somente resistir, e nem mesmo ser considerada em números populacionais das cidades, somente em casos de violência quando notificados. Perceber a necessidade de levar uma educação racial para escolas é fundamental para a educação de jovens e crianças que estão inseridas numa sociedade por essência racista. Vale mostrar também como possuímos em nosso presente e passado figuras que representam negros e negras fortes que se atrevem contra um sistema que insiste em nos minar.

Palavras-chave: Espaço urbano; Racismo estrutural; Mulher

ABSTRACT

The geography of the bodies allied to urban geography allows us to understand the processes of production and reproduction of spaces. To have a practical-social notion of space is fundamental to unveil the evils of slavery still rooted in society. Knowing the space as an object of study and an important materialized agent applies to our reality in order to refute ideas that understand space only as scientific data, and nothing more. From that, to analyze the daily racism and its silencing masks is unquestionable in the current Brazilian reality, which already carries with it slavery legacies from a European and colonial configuration. Thinking about the analysis of the process of the production of space requires then knowing our ancestors, such as the Benguelas who here [re]built themselves and found their African identities again, leaving their indicators in the culture and in the brotherhoods of the Churches of São João del-Rei. The intersectionality present in the black woman generates several factors that need to be discussed and faced, so that women can exist and live in spaces, not only resist, and not even be considered in population numbers of cities, only in cases of violence when notified. To realize the need to take racial education to schools is fundamental for the education of young people and children who are inserted in a society that is essentially racist. It is also worth showing how we have in our present and past figures that represent strong black men and women who dare against a system that insists on undermining us.

Keywords: Urban Space; Structural Racism; Women

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Países de entrada e saídas no tráfico negreiro.....	23
Figura 2: Localização dos bairros de São João del- Rei.....	24
Figura 3: Concentração da população negra em bairros periféricos de São João del- Rei.....	24
Figura 4: Pirâmide etária (2010).....	38
Figura 5: Carolina Maria de Jesus embarcando para Uruguai em 1961 para lançar seu livro “Quarto de despejo”.....	47
Figura 6: Visualização da página do Movimento Negro de São João del- Rei.....	54
Figura 7: Visualização da página do Movimento Negro de São João del- Rei.....	55
Figura 8: Publicação realizada para levar para a população a ausência de iluminação pública em São João del- rei.....	55
Figura 9: Comentários de usuários da rede sobre a ausência de iluminação pública.....	56
Figura 10: Ruas do bairro Matosinhos com a ausência de iluminação pública.....	57

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Entrevistadas que se consideram mulheres negras.....	31
Gráfico 2: Padrão de beleza.....	32
Gráfico 3: A faculdade coloca sua inteligência em questão.....	33
Gráfico 4: População residente do Brasil por raça ou cor (por porcentagem).....	36
Gráfico 5: Aproximação de homens devido a cor da sua pele.....	39
Gráfico 6: Em algum momento percebeu seu corpo objetificado.....	40
Gráfico 7: Diferença entre o número de homicídios entre mulheres brancas e não brancas.....	42
Gráfico 8: População residente em São João del-Rei por raça ou cor (em porcentagem).....	48
Gráfico 9: Índice de homicídios no Brasil em 2019.....	49

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Condição dos falecidos (1782-1822).....	25
Tabela 2: Grupos Étnicos na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São João del Rei (1750-1848).....	26
Tabela 3: Distribuição dos Cargos dentro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São João del- Rei (1750-1848).....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
JUSTIFICATIVA.....	13
METODOLOGIA DE PESQUISA	16
CAPÍTULO 1- SÃO JOÃO DEL-REI: ESPACIALIZAÇÃO DE UMA CIDADE COLONIAL E IDENTIDADES ÉTNICAS DE UMA SOCIEDADE ESCRAVISTA.....	19
1.1 Racismo: do outro lado do atlântico	19
1.2. Irmandades e a necessidades do resgate de identidades étnicas	21
CAPÍTULO 2: O ESPAÇO COMO LUGAR DE LUTA E RESISTÊNCIA PARA MULHERES.....	29
2.1. A colonialidade como memória presente da modernidade: comportamentos que negam espaços a mulheres negras.....	29
2.2. Molde branco: a branquitude na construção de espaços a partir de uma hierarquia de poder centralização de investimentos.....	35
CAPÍTULO 3: A RAÇA COMO MARCADOR SOCIAL: DO DIREITO A CIDADE AO DIREITO DE EXISTIR	44
3.1. O pensamento interseccional dentro do direito a cidade.....	44
3.2. O Brasil na construção de espaços acolhedores e uma educação racial.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

INTRODUÇÃO

Ainda que legalmente encerrado em 1888, o sistema escravista deixou heranças no Brasil que permanecem no tempo presente. Heranças estas que não vemos a cor do ouro, nem mesmo da prata, somente a cor preta do nosso povo que ainda carrega em seus corpos a difícil tarefa de ser negro no país. O colonialismo do século XIX aliado ao patriarcado nos fazem construir percepções distintas a cada dia, visto sua heterogeneidade espacial.

Ocupar espaços majoritariamente brancos é um ato de resistência, e coragem. O trabalho de mulheres negras é ocultado, e se faz presente um cotidiano doloroso, no qual regularmente mulheres e homens negros precisam lidar com marcadores de raça e corpos.

Em consonância ao que Grada Kilomba diz sobre um período histórico e marcas do mesmo, Carlos (2009) nos traz a marca do espaço:

“O espaço traz a marca da sociedade que o produz no caso analisado, uma sociedade hierarquizada, dividida em classes. Um homem produz a história a partir de um processo contínuo onde cada geração tende a suplantar a anterior. É uma história que ao realizar-se dá novo significado a natureza e reproduz constantemente o humano. (CARLOS, 2009, p.89)

Dessa forma, o espaço em que vivemos, como a cidade se torna um espaço de produção, e sobretudo, um espaço de luta. Coloco aqui a luta como personagem principal da temática urbana, visto que também devemos considerar para além de uma reprodução, as condições em que se darão a vida humana, conforme constata Carlos, (2009).

A máscara do silenciamento do colonialismo calou nossas bocas nas plantações de cana e retiraram nossa voz dentro da sociedade, fomos silenciados com políticas fortes e com pretensões óbvias de dominações. Grada Kilomba, (2019, p.34) pondera de forma clara sobre a boca, como sendo um órgão especial que simboliza a fala e a anunciação, e ao mesmo tempo, no racismo a boca se apresenta como um órgão de opressão por excelência.

Sendo assim, falar sobre o racismo cotidiano que mulheres negras enfrentam é também falar sobre a permissão que brancos obtiveram para realizar ataques. Por que se acham com o dever de apontar a cor do outro? O corpo negro é aberto? São duas perguntas

que nos levam a refletir hierarquias sociais, de modo que o branco visualiza o indivíduo negro como subgente do outro. Jessé de Souza em sua obra *Ralé Brasileira* traz esse termo *ralé* para exemplificar quem são as classes brasileiras que foram naturalizadas como gente e subgente. Kilomba (2020), destaca os cenários que o racismo se insere:

“O racismo cotidiano acontece em um contexto particular; tem objetivos particulares e envolve atores e atrizes ou condições sociais particulares. Uma análise episódica descreve os diferentes contextos nos quais o racismo é performado, criando uma sequência de cenas do racismo cotidiano. A composição de vários episódios revela que não apenas a complexidade de experimentar o racismo- seus cenários diversos, atores e temas-, mas também sua presença ininterrupta na vida de um indivíduo.” (KILOMBA, 2020, p.88)

Tem-se, então, a perspectiva do racismo cotidiano que acontece na cidade, citamos aqui São João del-Rei, onde nasci e fui criada. São João del-Rei foi meu ponto de partida, como coloca Pierre Monbeig que o ponto de partida de toda pesquisa de geografia urbana se dá no estudo do quadro natural em que nasceu a cidade. (MONBEIG, 2005, p. 281).

Justificativa

Este trabalho tem sua importância inferida dentro do meio acadêmico, como produto de um ensino de qualidade e público, mas também para uma sociedade ainda racista e com pouca consciência racial. O que encaminha também para um entendimento racial para fora da Universidade e consolidando-se em espaços necessários.

Entrevistar mulheres negras que estão inseridas no meio acadêmico é uma maneira de conversar com o “outro” corpo feminino e negro. Corpos com suas especificidades e jeitos, bem como experiências, medos e traumas. Até chegar na materialização das entrevistas com as mesmas, fui guiada pela vontade e interesse de conhecer outras narrativas sobre como é ser mulher negra na cidade. Dúvidas e vontades que foram em mim despertadas ao longo de minha caminhada acadêmica. Em que momento minhas ancestrais deixaram de ser sujeitas? O racismo estrutural, este que acontece com liberdade disponibilizada pelos dispositivos de poder orientados por grandes corporações e o Estado. Por sua vez, é um marcador constante de que o preto é aquele indivíduo que precisa saber seu lugar e que alguém precisa fazer esse papel locacional. Já que ele insiste em andar livremente por metrô, ônibus, ruas e avenidas. Pretos ocupam universidades e cargos de prestígio que não deveriam estar ocupando, ocupar incomoda a branquitude. Falar sobre o racismo cotidiano que mulheres negras sofrem é também falar sobre a

permissão invisível que brancos obtiveram para realizar ataques e as constantes tentativas de nos retirarem direitos.

Diante das muitas feridas que estão abertas e ainda hoje sangram, dar continuidade à voz de mulheres negras é uma tarefa árdua e ao mesmo tempo necessária devido ao lugar que é destinado aos nossos corpos. Dessa forma, o objetivo central do trabalho é analisar a relação entre racismo e espaço público, buscando compreender como a herança da escravidão produz sociabilidades de conflito e ataque à pessoas negras nos espaços de convivências e em seus corpos. A realização de uma abordagem que contemple a produção dos espaços públicos e privados no Brasil a partir da ótica da escravidão no Brasil é fundamental para entendermos os árduos mecanismos da modernidade. Bem como perceber a imbricação entre racismo e patriarcado presente na vida de mulheres entrevistadas na cidade de São João del Rei e Rio de Janeiro. Para atingirmos o objetivo proposto, realizaremos um debate que abordará a condição do corpo da mulher negra como uma marca, elemento historicamente utilizado para espaços que nos foram negados, fazendo delas um “não-sujeito”, um ser incapaz de fazer parte do processo civilizatório.

De forma consoante a essas condições do corpo negro e a animalização que esse corpo carrega, Kilomba coloca os casos de racismo cotidiano como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada (KILOMBA, 2020).

“É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em cena colonial na qual, como cenário de uma plantação. Ele é aprisionado como a/o “*Outra/o*” subordinado e exótico. De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o *sujeito negro* estivesse naquele passado agonizante...” (KILOMBA, 2020, p. 30)

Pensar sobre negligências, também é uma forma de exercermos o pensamento sobre os espaços que negras e negros ocupam, e se o Estado lhes dá aparelhagem para estar nesse espaço. Claramente sabemos que o Estado não cumpre o seu papel quando nos referimos a negros, como sabemos também que existem os dispositivos de poder que decide uma sociedade e molda a mesma, de acordo com uma supremacia branca, e aliada a um percepção do Silvio de Almeida, o racismo é institucionalizado, ou seja, ele não tem premissas somente na ideologia, o mesmo tem aberturas em redes de controle do Estado, como no mercado de trabalho e na justiça criminal, (KILOMBA, 2020).

O Instituto Geledés fundado, em 1988 por uma das principais ativistas negras no Brasil, Sueli Carneiro, tem como base trabalhar com questões raciais, de gênero e como

todas essas classes se alcançam em peças fundamentais da sociedade, como na educação, trabalho, direitos humanos, políticas públicas, saúde e entre outras. (GELEDÉS, 2022).

Nesta pesquisa é essencial conseguirmos identificar quais são os dispositivos de poder que empoderam e dão permissão para os ataques nos espaços e, por consequência a naturalização dos mesmos.

A estrutura deste trabalho se conduzirá em três principais momentos que aqui irei descrevê-los. Na primeira parte do trabalho, realizarei uma abordagem sobre a dualidade da colonialidade/modernidade, ressignificando os espaços ocupados por mulheres negras. Considerando 1888 como o ano final da escravidão, qual é a base que mantém de pé até os dias atuais o racismo estrutural em que somos colocados de frente mesmo após cem anos de liberdade? A liberdade em todos seus aspectos é para quem? Perguntas com respostas no colonialismo são fundamentais nesse capítulo, pois elas nos guiarão sob fundamentos da geografia crítica e humana.

No segundo momento, que tem como título “O espaço como lugar de luta e resistência para mulheres”, que através de diálogos com nossas interlocutoras, nos conduz a refletirmos sobre a vulnerabilidade socioespacial do corpo da mulher negra. Que nos permitira visualizar como o patriarcado se materializa nos espaços.

No terceiro momento irei descrever a realidade de uma mulher negra. e de uma família negra do Brasil. Destacando o “por que” seus corpos estão naqueles espaços (no sentido de utilizar transporte público, e tentar explicar essa permissão para o ataque e como isso influencia o cotidiano dessas mulheres). E também trazer uma pouco como famílias negras também podem ser distintas no sentido de como criar e educar seus filhos para a perversidade do racismo. Como exemplo em um *Podcast* do Mano Brown, chamado Mano a Mano, ele entrevista a filósofa Sueli Carneiro e eles conversam sobre essa percepção interna da família sobre a negritude. A filósofa conta que sua família a criou com o conhecimento direto que a negritude traria causas e que seria algo que ela precisaria enfrentar, já o rapper comenta que a negritude não era muito comentada em sua casa por diversos fatores.

O cotidiano é cansativo, pessoas trabalham e carregam suas lutas diárias, a volta para casas ou a chegada em algum lugar pode intensificar ainda mais a luta da existência da mulher preta, em que situações em atividades básicas do dia-a-dia geram dúvidas sobre

sua personalidade, sua higiene. Ou seja, se colocar em dúvida sobre questões que por vezes era uma segurança e passa a ser uma insegurança.

O convívio diário com brancos nos faz refletir todos os dias sobre a nossa negritude, acredito que seja um trabalho árduo com nossa autoestima e percepção do que é belo, do negro bonito, sem precisar que elogios venham de fora, coisa que já não acontece com frequência sem uma sexualização do nosso corpo.

Metodologia de pesquisa

A pesquisa presente se desenvolveu através de um guia de entrevistas que foi respondido por dez mulheres negras, sendo oito delas são-joanenses e duas cariocas. Mulheres estão inseridas no ambiente acadêmico, como professoras e alunas e apenas uma interlocutora trabalha no setor terciário, mais especificamente na atividade de comércio. Contudo, devo inteirar que as entrevistas foram realizadas em um período crítico da pandemia do Covid-19 tornando inviável o contato pessoal com as entrevistadas. Desse modo, as perguntas foram elaboradas de modo que pudessem ser facilmente acessadas de forma on-line.

Bruner (1997) denomina uma epistemologia verificacionista, baseando-se na interpretação. Segundo este autor, a validade – aspecto importante nas metodologias quantitativas – é também um conceito interpretativo. Para ele, o fundamental é a plausibilidade da conclusão e está pode estar presente no uso de metodologias quantitativas e/ou qualitativas (apud Coutinho, 2007, p. 65). Na pesquisa sobre gênero, por ser considerada um ramo recente na ciência, utilizar-se de da metodologia qualitativa e quantitativa é um modo de auxiliar a construir um projeto com uma interpretação e adicionais perspectivas através da coletada de dados e fonte usada.

Para explorar as respostas obtidas foi aplicado o método análise de conteúdo que nos permite uma objetividade maior e direciona o caminho que desejo relacionar à teoria e aos discursos obtidos. Bem como ter uma percepção qualitativa das respostas e elaborar gráficos como parte da análise do discurso. A elaboração de gráficos também se configura nessa metodologia de análise de conteúdo, pois com eles, mais uma vez, consigo informações da realidade das interlocutoras. Desse modo, consigo ir além do olhar

imediate, pois considero as experiências expostas, e confirmar de certa forma a hipótese aqui levantada.

“A Análise de Discurso (AD) de vertente francesa oferece instrumentos teóricos e metodológicos que permitem ao analista incorporar as condições históricas e ideológicas em que o discurso foi produzido e, assim, experimentar gestos interpretativos e construções de sentido. Dito de outro modo, é possível ir além do conteúdo literal de um texto/discurso, percebendo como ele produz e veicula sentidos, evitando reduzi-lo a algo evidente, naturalizado, hermético.” (COSTA; CILLA, p. 233, 2015)

A análise do discurso também é considerada pós-empírica, pois ela espera uma impessoalidade do autor e um questionamento do mesmo na sua realidade social. Com isso, se torna importante a presença da narrativa oral e da análise do discurso em questão, como nesse caso, das entrevistadas.

Na área de gêneros as alternativas metodológicas são bem amplas, e frequentemente qualitativas, consideramos aqui dois pontos importantes dentro da metodologia científica inserida da modernidade: o racionalismo e o empirismo, que se apoiam ora na racionalidade e ora na observação dos fatos.

No racionalismo, o modo mais antigo, há um domínio da razão pura, ou lógica, que se impõe, fazendo com que desapareça o interesse pela observação. A famosa frase de Descartes, “penso, logo existo”, é considerada verdadeira exatamente porque haveria uma contradição entre pensar e não existir, isto é, a primeira parte da afirmação torna a negação da segunda ilógica, fazendo com que qualquer tipo de observação seja desnecessário. O empirismo, ao contrário, é o processo de observação direta, de registro e/ou monitoração dos mundos natural e/ou social. As tendências dominantes no pensamento ocidental abrangem uma combinação de racionalismo (que agora assume a forma de lógica) e empirismo na ciência moderna. (COUTINHO, 2006, p. 66).

As contínuas mudanças nas epistemologias estão aliadas a um discurso ocidental dominante, fazendo assim com que seus métodos se tornem de certa forma mais influente na ciência. Embora o objetivismo esteja em uma linha de raciocínio diferente do relativismo, ambos seguem uma linha de pensamento dominante.

Trabalhar com a análise do discurso me possibilita uma observação e compreensão de uma segunda narrativa, e compreender as palavras escritas sobre algo pessoal de quem responde o formulário. E compreender o racismo cotidiano é também compreender os seus contextos:

O racismo cotidiano acontece em um contexto particular; tem objetivos particulares e envolve atores e atrizes ou condições sociais particulares. Uma

análise episódica descreve diferentes contextos nos quais o racismo é performado, criando uma sequência de cenas do racismo cotidiano. (KILOMBA, 2020, p.88)

Coutinho, 2006 aponta sobre a Tradição Hermenêutica, inspirada por Weber, em sua preocupação com a interação social e compreender os significados das ações humanas bem como compreender o conhecimento que subjetivo e objetivo, com o destaque que a objetividade verdadeira é impossível; cientistas deveriam deixar de lado juízos de valores, o qual apresenta o julgamento a partir de uma visão pessoal. É nesse momento que o estudo se diferencia, pois o mesmo tem essa vertente pessoal em seus estudos, o qual todo conhecimento é socialmente construído.

Desse modo a representação gráfica me permitiu ir além de palavras escritas e com o seu sentido literal. Aponto que, provavelmente a forma que a entrevista se deu, virtualmente, e disponível para ser respondida quando bem se considerassem prontas contribuiu para o conteúdo das respostas. Acredito que este distanciamento proporcionou uma liberdade de resposta maior do que se estivermos em uma conversa frente á frente, pois a timidez, constrangimento ou o silêncio poderiam ser fatores inibidores nos momentos de respostas.

Optar por uma narrativa escrita, que no primeiro momento foi estruturada para acontecer de forma oral, é de certa forma, romper com perspectivas tradicionais:

A narrativa oral tem sido um instrumento básico nos esforços dos trabalhos sobre gênero para incorporar vidas, atividades e sentimentos, inicialmente das mulheres e, posteriormente, também dos homens, em nossa compreensão do passado e do presente, e que não têm sido contemplados nos estudos tradicionais. (COUTINHO, 2006. p.67).

CAPÍTULO 1: SÃO JOÃO DEL-REI: ESPACIALIZAÇÃO DE UMA CIDADE COLONIAL E IDENTIDADES ÉTNICAS DE UMA SOCIEDADE ESCRAVISTA

O presente capítulo pretende expor a forma de ocupação de São João del-Rei por cativos, do grupo Benguela, que construíram sua identidade e cultuvas na cidade. Com isso, as percepções coloniais ainda se fizeram presente na resistência desse grupo, bem como o Atlântico é rico em ancestralidade.

1.1 Racismo: do outro lado do Atlântico

A modernidade ligada a ideia desenvolvimentista branca criou mecanismos e dispositivos que anulam culturas e identidades africanas. Na ciência, enfrentamos a ausência de conteúdos que retratam a história de negros, no ponto de vista como *sujeitos*¹, não como *objetos*² de estudos de médicos eugenistas no final do século XIX, respaldados na Medicina Legal e na ideia de comprovar a inferioridade da raça negra.

Em específico, este capítulo pretende explorar as relações étnico-raciais da raça negra e o conceito de lugar. Buscando compreender a visão nacional de progresso a partir de “raças puras”, coloco entre parênteses este termo pois o mesmo possui significados relativos, e na questão que trataremos aqui, iremos considerar a visão nacionalista brasileira regida desde o colonialismo na qual temos a raça branca como a raça modelo, superior e idealizada.

Paul Gilroy na sua obra “Atlântico negro: Modernidade e dupla consciência” (2001) conduz a necessidade de conversarmos sobre o fato e a percepção seguinte: a diáspora africana anulou toda uma vida existente antes da passagem pelo Atlântico de negros escravizados. Nesse sentido, nos cabe pensar no atlântico não somente como oceano, e sim um espaço com suas influências e culturas de diversos países. Para o autor, Atlântico Negro se baseia no esforço de interpretar uma realidade colonial europeia que se consolidou em narrativas de senhores donos de ouros, terras e escravos, desprezando assim uma realidade africana nessa diáspora e mercantilização de corpos negros. Para o autor existe uma luta para tornar os negros percebidos como agentes, como pessoas com

¹ Termo sem gênero, que possui plena capacidade de escrever e contar sua história, não cabendo então a necessidade de pessoas falando em seu nome.

² Aquele que não possui voz e estado de exercer seus direitos como cidadão.

capacidades cognitivas e mesmo com urna história intelectual atributos negados pelo racismo moderno. (GILROY,2001, p. 40)

O racismo moderno e suas raízes estruturais nos permite tecer uma crítica sobre a dimensão espacial e seus significados no mundo, bem como as noções de espaço e território seguem orientando reflexões geográficas diante dessas mudanças do mundo moderno³.

Quando analisamos a diáspora, podemos perceber a sua metafísica que pretende por leis gerais menosprezar perspectivas de sentimentos, singularidades de que sentimos, e busca um pensamento empírico, algo real para explicações de uma realidade. A modernidade aliada a contemporaneidade está em um estado constante de tentativas de apagamentos e criar uma hegemonia.

Embora em grande parte ignoradas pelos recentes debates sobre a modernidade e seus descontentes, essas ideias sobre nacionalidade, etnia, autenticidade e integridade cultural são fenômenos tipicamente modernos com implicações profundas para a crítica cultural e a história cultural. (GILROY, 2001, p.34)

Dialogar com Paul Gilroy se faz necessário pois quando levantamos a ideia de espaço, nos leva a outro ponto: a de lar. Com a diáspora africana os negros foram vistos com uma ideia do sem lar, assim colocado pelo autor. Pelo fato de serem animalizados e se tornarem mercadorias e assim homens e mulheres passam a ser coisa. E com a diáspora não se tem nada, são somente coisas. Ou seja, Aimé Césaire quando traz a “coisificação” no livro *Discurso sobre o Colonialismo (1978)* nos relata esse fenômeno, o do negro se esvaziar de si, de sua cultura, a colonização fez isso.

Para além de colocações sobre um fenômeno, a diáspora, Césaire, mostra como existem justificativas de um sistema econômico e social que legitimam uma estrutura de pensamentos. Reforçando assim a ideia de animalização do povo africano,

-colonização: testa de ponte de uma civilização da barbárie donde, pode, em qualquer momento, desembocar a negação pura e simples da civilização. (CÉSAIRE,1978, p.21)

Temos justificativas que legitimam essa estrutura de pensamento, inclusive de formas históricas que se alimentam dos dispositivos de poder há muito tempo, a animalização do outro. O que nos leva a refletir como a colonização da mente é diferente da colonização do espaço, porém bebem da mesma fonte.

³ CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo JL; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. 2011.

Pensar sobre espaços e cidades, Carlos (2004) tem um considerável arcabouço teórico que nos ajuda e pensar de forma clara e ativa. Começemos pela parte de conciliar a prática e teoria de uma cidade e como as duas se situam em uma dimensão crítica:

“necessidade da produção de um conhecimento que dê conta da construção de uma teoria da prática sócio-espacial que se realiza na cidade, expressando o desafio de desvendar a realidade urbana em sua totalidade, bem como as possibilidades que se desenham no horizonte para a vida cotidiana na cidade. Tal perspectiva ilumina a armadilha da redução do sentido da cidade àquela de condição da reprodução do capital ou da dominação do Estado, ambas esvaziadas do sentido da vida humana. Assim, à necessidade de desvendamento dos processos constitutivos do espaço social adiciona-se a construção de uma teoria sobre a cidade.” (CARLOS, 2004, p. 15)

Ou seja, desvendar os processos que embasam o racismo cotidiano faz parte do desvendamento dos processos que constroem o espaço social e da construção da teoria sobre a cidade.

“A realidade urbana nos coloca diante de problemas cada vez mais complexos, que envolvem o desvendamento dos conteúdos do processo de urbanização nos dias de hoje; uma tarefa, a meu ver, coletiva, apoiada em um debate que seja capaz de contemplar várias perspectivas teórico-metodológicas como possibilidades abertas à pesquisa urbana.” (CARLOS, 2004, p. 19)

Jessé Souza em Ralé Brasileira argumenta que essa rale são as pessoas reduzidas a corpo; e que o legado da escravidão foi a naturalização da sociedade em dividir os indivíduos em gente e subgente.

1.2 Irmandades e a necessidades do resgate de identidades étnicas

Considerando toda esta questão atlântica que abordamos no início do nosso capítulo um, podemos nos encaminhar para questões ainda mais identitárias e enraizadas em cada africano que chegou em São João del-Rei e no Brasil. Toda chegada precisa de um endereço, de um lar. Precisamos de uma casa. Mas como africanos recém-chegados a força em um novo país iria ter uma casa? Ele tinha os seus companheiros de navio, que muitos nem mesmo conseguiram completar a travessia.

Desse modo, a [re]criação de suas identidades era algo extremamente necessário, estarem com os seus era necessário,

aquisição de raízes tornou-se uma questão urgente apenas quando os negros da diáspora procuraram montar uma agenda política na qual o ideal de enraizamento era identificado como pré-requisito para as formas de integridade cultural, que poderiam garantir a nação e o estado aos quais aspiravam. A necessidade de fixar raízes culturais ou étnicas e depois utilizar a idéia de estar em contato com elas como meio de reconfigurar a cartografia da dispersão e do exílio talvez seja melhor entendida como uma resposta simples e direta as modalidades de racismo que tem negado o caráter histórico da experiência negra e a integridade das culturas negras. (GILROY, 2001, p. 54)

O racismo se apresenta como uma colcha de retalhos, a qual se apresenta a cada momento um detalhe diferente. Os retalhos do nosso cotidiano nos fazem perceber como no final, tudo se transforma em algo maior do que aquela primeira linha que deu início a colcha.

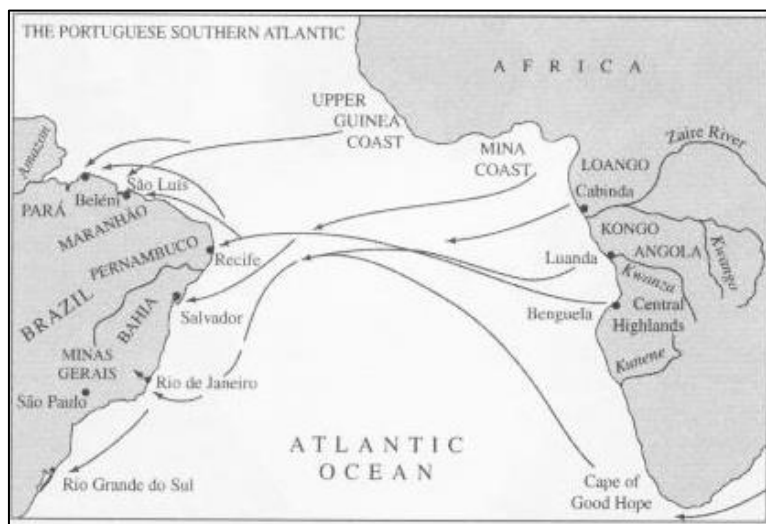
Na obra de Schwarcz (2019), a autora no atenta sobre uma narrativa europeia e colonialista de que era preciso escrever a história do Brasil, uma nova história. Uma história branca e com personagens invisíveis que pouco participariam do enredo principal.

“(inventando rituais de memória e qualificando seus próprios modelos de autênticos (e os demais de falsos) —, elevar alguns eventos e obliterar outros, endossar certas interpretações desautorizar o resto. (...) Ou seja, ajudam e entender como, quando e por que, em determinados momentos, a história vira objeto de disputa política.” (SCHWARCZ, 2019, p. 13)

Dentro dessa narrativa colonial europeia, obviamente, encontramos hierarquias dominantes que por sua vez ordenava o funcionamento da sociedade em questão. Para Schwarcz (2019) no sistema violento escravocrata, uma pessoa detinha propriedade sobre outra pessoa, criando assim uma forte hierarquia entre brancos e negros. Porém aqui em São João del- Rei, há estudos de Silvia, que através registros paroquiais e documentações da irmandade de Nossa Senhora do Rosário, analisa a procedência de cativos e libertos em São João del- Rei na virada do século XVIII para o século XIX. E toda essa dinâmica é relacionada com o tráfico atlântico de cativos e ao processo de constituição de identidades étnicas na região. (Brugger, 2007,). Este estudo nos relaciona com a ideia de hierarquia europeia, porém modificada por uma sociedade negra e com tentativas de resgatarem sua cultura e identidade.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000), entre os séculos XVI e XIX, o Brasil dentro do continente americano, foi o que mais importou escravos vindos da África. Totalizando em média quatro milhões e homens, mulheres e crianças. O que soma mais de um terço de todo o comércio negroiro.

Figura 1: Países de entrada e saída no tráfico negroiro



Fonte: Linda M. Heywood (Ed.). Centro-africanos e transformações culturais na diáspora americana. Cambridge, Cambridge University Press, 2002, p. 29/ UFP

A figura 1 disponibilizada pela Universidade do Paraná, nos estimula a visualizar os movimentos realizados nesse tráfico negroiro. Ainda, podemos falar que esse mapa além de causar um impacto visual, também aponta a direção desse movimento, que eram as regiões costeiras brasileiras. E esse deslocamento se deu de forma violenta,

É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em cena colonial na qual, como cenário de uma plantação. Ele é aprisionado como a/o “Outra/o” subordinado e exótico. De repente, o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o *sujeito negro* estivesse naquele passado agonizante... (KILOMBA, 2020, p. 30)

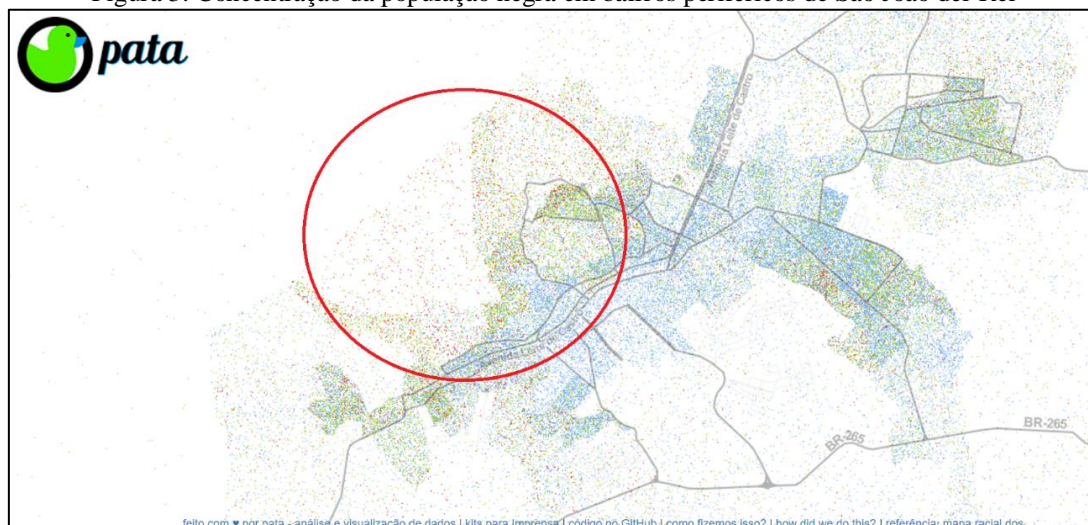
Figura 2: Localização dos bairros de São João del-Rei



Fonte: Google Earth, 2022

Com a localização dos bairros, podemos perceber como se organiza o capital imobiliário e locacional. Nele, ainda que os bairros estejam próximos ao centro, como Senhor dos Montes, não significa que esse bairro seja valorizado. Nesse sentido, a concentração de negros em bairros periféricos se consolidou desde a fundação da cidade com a exploração do ouro, e atualmente se materializa, centranalizando brancos e ricos no centro da cidade, lugares mais valorizados.

Figura 3: Concentração da população negra em bairros periféricos de São João del-Rei



Legenda: — Concentração dos bairros periféricos de São João del- Rei

Fonte: Pata Data, 2022

E para expressar de forma expressiva a relação do tráfico negreiro com o Brasil, especificamente com a cidade de São João del- Rei, irei conduzir com o embasamento da historiadora Silvia Brügger ⁴, que realizou um estudo sobre os grupos étnicos africanos da cidade. A professora tem como fonte principal as paróquias da cidade, que cederam registros de óbitos e documentação da Irmandade⁵ de Nossa Senhora do Rosário De São João del-Rei.

Uma primeira análise que cabe ser feita para inicialmente compreendermos os números, se dá pelas porcentagens de escravos, forros e livres durante o final do século XVIII e início do século XIX. Considerando que, 46% desses escravos tem como origem a África, 15,2 % da América Portuguesa e 38% não foram encontrados registros de referência dos mesmos (BRUGGER; OLIVEIRA, 2007, p. 181).

Tabela 1: Condição dos falecidos 1782-1822

Condição do Falecido	No.	%
Escravos	5.421	42,2%
Forros	959	7,5%
Livres	6.455	50,3%
Total	12.835	100,0%

Fonte: BRUGGER; OLIVEIRA, 2007

O grupo étnico dos benguelas em São João del- Rei, por apresentar a maioria da comunidade na cidade, e em Minas Gerais ⁶possuía uma força expressiva dentro das irmandades, que de certa forma também adotava uma hierarquia. Uma estrutura chamada “Nobre Nação Benguela”, é colocada por Mariza Souza apud Brugger, que era um grande meio de resolução de conflitos entre os grupos étnicos. Nesse sentido, as estruturas e também chamadas associações, enfatizam a valorização de seus membros, ao contrário as condições de uma escravidão.

“Tais associações cumpririam o papel de reter as estruturas hierárquicas do Antigo Regime, pois, com a constituição das folias que elegiam reis, rainhas e

⁴ Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de São João Del Rei.

⁵ A palavra será trabalhada de acordo com o Código de Direito Canônico, que assim estabelece: “associação de fiéis que têm o direito de fundar e dirigir livremente associações para fins de caridade e piedade, ou para favorecer a vocação cristã no mundo, e de se reunirem para consecução comum dessas finalidades” in Arquidiocese de Salvador, 2021.

⁶ presença majoritária de benguelas nas Irmandades se deu devido ao tráfico atlântico de nativos no Porto de Benguela no século XVIII.

suas cortes, estes grupos estariam se reapropriando de parâmetros de poder vigentes na sociedade colonial para recriarem verdadeiras linhagens religiosas com base num passado africano de glórias que se reproduziria nas suas procissões, festas, entre outras manifestações” (BRUGGER, 2007, p. 189)

Brugger,(2007) elucida como os Benguelas se consolidaram e confirmaram tendências historiográficas. Na qual as organizações de grupos étnicos se alinham com as irmandades religiosas e por estarem em uma maioria, tinham uma representação maior dentro da Irmandade, esta que possuía uma significância de peso dentro de uma comunidade de africanos, viam ali um espaço de sociabilidades, religiosidade e também um lugar de disputas políticas. Com os números de escravos falecidos durante a virada dos séculos XVIII para XVIII, também desenha um cenário econômico. São João del-Rei por ter feito parte da conjuntura da extração de ouro, a mineração implicou diretamente na formação econômica e social da cidade. Para além dos números se faz fundamental sabermos a geografia desses escravos, as suas origens, pois será a partir dela que os grupos irão se formar e estruturar as irmandades:

Tabela 2: Grupos Étnicos na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São João del Rei (1750-1848)

Procedência	N.	%
América Portuguesa (Crioulos)	230	27,9
Benguela	149	18,1
Angola	128	15,5
Mina	90	10,9
Congo	53	6,4
Rebolo	35	4,2
Ganguela	28	3,4
Cabunda	21	2,5
Nagó	18	2,2
Mocumbe	13	1,6
Songa	12	1,5
Moajelo	10	1,2
Moçambique	8	1,0
Cassange	8	1,0
Camundongo	4	0,5
Cobu	3	0,4
Da Costa	3	0,4
Cabo Verde	2	0,2

Fonte: BRUGGER; OLIVEIRA, 2007

Pensar em São João del- Rei também e pensar na acumulação desigual dos tempos, o que cria a segregação espacial, principalmente quando articulamos o passado com o presente:

Além de formas espaciais, há elementos culturais engendrados no passado que se mantém e alteram sua configuração espacial, produzindo também geografias no espaço urbano. As espacialidades de algumas práticas religiosas afro-brasileiras, que incluem não apenas os locais de cultos, mas também

aqueles onde são realizadas coletas, oferendas, manifestações, entre outros lugares sacralizados, nos mostram resistências de formas de relações com a natureza mesmo em espaços dominados e transformados pela emergência do meio técnico-científico-informacional..(SANTOS, 2012, p.64)

Assim, essas ideias e simbologias de reis, se transformam em uma realidade de reinos de ancestralidade africana, inserindo africanos da diáspora e tornando possível reuniões com essas lideranças. Onde recriariam e resgatariam, mesmo que minimamente elementos de sua identidade e cultura local. (BRUGGER, 2007). Se sentir pertencente a um local, é importante, bem como poder se manifestar em locais ditos públicos como Irmandade de Igrejas e poder produzir seus espaços mediante as suas culturas. Ainda que o catolicismo também seja uma relogião com suas especificidades, havia no momento uma tentativa de sobrevivência desses povos em um novo espaços, e junto com esse novo espaço veio a necessidade de estruturar formas de existir.

Tabela 3: Distribuição dos Cargos dentro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São João del- Rei (1750-1848)

Procedência	N. de Cargos Ocupados	%
América Portuguesa (Crioulos)	48	37,2
Angolas	25	19,4
Minas	24	18,6
Congos	10	7,7
Benguelas	5	3,9
Rebolos	4	3,1
Nagôs	3	2,3
Moçambique:	2	1,5
Monjolo:	2	1,5
Da Costa	2	1,5
Ganguelas	1	0,8
Mofumbes	1	0,8
Cabundas	1	0,8
Camundongos	1	0,8
Totais	129	100,0

Fonte: BRUGGER; OLIVEIRA, 2007

Se tornou valioso os registros dos obituários dos indivíduos que integravam as Irmandades, para assim ser possível o estudo sobre suas procedências e cargos ocupados dentro da Igreja:

Os registros de nação encontrados na documentação – nos assentos de batismo, casamento e óbito, nas matrículas e nos relatos dos memorialistas – representariam tanto as categorias criadas pelos senhores e comerciantes do tráfico, preocupados com a classificação e identificação dos escravos sob sua autoridade, quanto as identidades adotadas pelos próprios africanos ao se reagruparem e ressocializarem sob a escravidão. (MAMIGONIAN, 2004, p.40)

Para Abreu⁷ (2013, p.21), o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”⁸, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar então que seja ele que vem dando o suporte mais sólido a essa procura de diferença. E para São João del-Rei os registros das Irmandades encontrados na Igreja do Rosário nos permitem entender a concretude de toda uma comunidade africana recém-chegada no Brasil e as formas que elas encontraram de criarem espaços para exercerem suas identidades e culturas. Fazendo assim, que haja uma cuidadosa coleta e interpretação crítica de práticas e elementos materiais comuns dos dois lados do Atlântico é uma das soluções para o trabalho de retratar trajetórias dos africanos (MAMIGONIAN, p.41, 2004).

⁷ ABREU, Maurício. A produção do espaço urbano. Universidade do Rio de Janeiro. 2013

⁸ Museus, arquivos, bibliotecas etc. (ABREU, 2013)

CAPÍTULO 2: O ESPAÇO COMO LUGAR DE LUTA E RESISTÊNCIA PARA MULHERES

Este capítulo pretende mostrar como o racismo cotidiano atinge mulheres negras em seus espaços públicos ou privados, possibilitando então a percepção de uma sociedade patriarcal que se apoia em dispositivos de poder para manter privilégios e padrões brancos.

2.1 A colonialidade como memória presente da modernidade: comportamentos que negam espaços a mulheres negras

A Era Colonial ainda incorporada à modernidade moldou espaços urbanos e sua organização social. Lefebvre (2008) defende que o espaço é político, no qual tudo acontece. O autor ainda adiciona teorias encontradas dentro da cientificidade, como a contradições de conceitos,

o espaço urbano, outrora integrado quer à utilização espontânea do sítio, quer a cultura global da sociedade, era isolado do contexto; ele parecia como um dado, como uma dimensão específica da organização social. (LEFEBVRE, 2008, p.59)

Defendendo a concepção de que o espaço não é somente um dado científico dentro de uma pesquisa, precisamos lembrá-lo como o objeto de estudo da geografia. Pois a partir dele a cidade acontece, em contínua produção e reprodução da materialidade. A partir desse embasamento, esse capítulo se desenvolverá, considerando o espaço, aliado um um fator: como as mulheres negras se sentem no espaço, e como são enxergadas no mesmo.

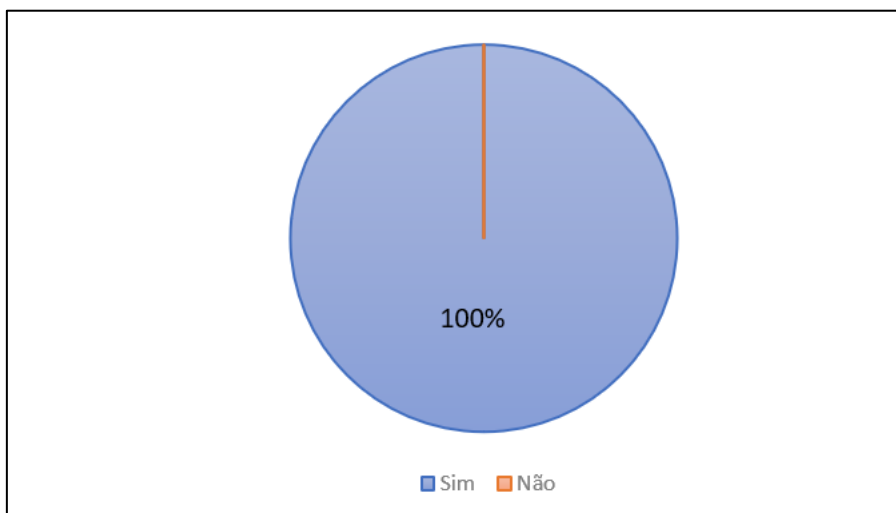
Assim, na entrevista concedida por mulheres negras pontuarei relatos que demonstram a realidade de ser mulher negra em cidades como fortes marcas colonias, sendo moradoras de São João del-Rei a maioria das entrevistadas e do estado do Rio de Janeiro. Saliento aqui, a preservação das identidades das mulheres e a criação de codinomes para identificá-las, mantendo assim a ética da pesquisa e a proteção das identidades da mesma, conforme informado as mesmas no questionário formulado.

Já me chamaram de macaca suja na escola quando eu tinha 9 anos. Na escola também aos 14 viraram para o meu namorado na época e falaram que não entendia pq ele tava comigo pq eu era muito feia (e ele nem bonito era, só era branco). Já me falaram que eu tinha piolho na rua. E todo dia tem outros

comportamentos que como eu disse não são explícitos mas que doem (Bianca, 2021)

Este relato, de uma estudante universitária com 27 anos demonstra exatamente os primeiros contatos que uma criança tem com o racismo e seus mecanismos de ataque.

Gráfico 1: Entrevistadas que se consideram mulheres negras



Fonte: PIMENTEL; SILVA, 2021

O gráfico 1 foi elaborado para começarmos observando o autoconhecimento e autodeclaração das mulheres. Nos dados reunidos para a pesquisa, 100% das mulheres se consideram negras. Devemos aqui considerar como a identidade negra ainda é vista como algo negativo e apontar a necessidade de uma disponibilidade maior de conteúdos, principalmente nas escolas sobre a história da África e a história do negro no Brasil. Para assim também sermos capazes de desenvolver uma construção coletiva de identidade negra,

no processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em “nosso” imaginário coletivo e reconstruindo uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na historiografia colonial. (MUNANGA, 2012, p. 10)

Nos entendermos como mulher negra é algo doloroso que demanda uma saúde psicológica em dia, porém, estudos mostram que o preconceito racial afeta a saúde

mental da população negra ⁹. E nessa perspectiva podemos pensar na porcentagem de negros que tem acesso a um hospital ou até mesmo uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de qualidade. Segundo o Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), o município de São João del Rei, tem 38¹⁰ locais de atendimentos para saúde, dentro deles Núcleos Maternos, laboratório e UBS. Contudo, eu como moradora e usuária destes serviços encontro diversas ausências de tratamentos e atendimento precário do mesmo, inclusive tratamento com profissionais da psicologia é tratado com bastante relatividade e descaso.

Hoje em dia me respeito e amo a completude do que sou. Há 8 anos passei pelo processo do “tornar-me negra”. Um processo que foi (e é) fruto de muitas reflexões sobre o feminismo negro, história do Brasil e o mulherismo africana. (Regina, 2021)

Assim, podemos perceber como o indivíduo negro, em questão do gráfico elaborado, as mulheres defrontam-se diariamente. E como nesse processo de se perceber negra esta ligada ao “se tornar” negra, ter consciencia de si. E para ter consciencia de si, é necessario romper com a máscara do silêncio e do medo. Encarar a própria negritude requer força e conforto em espaços coletivos e democráticos, redescobrir nossas forças, conseguir enxergar novas perspectivas de vida.

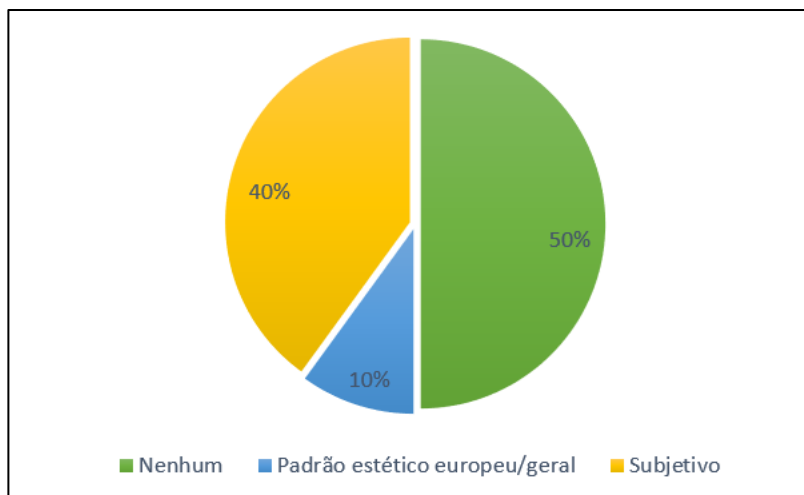
Ser mulher negra demanda diversos fatores além da cor da pele, principalmente entender quando se tornou negra e o significado disso. Situações do cotidiano é uma ferramenta essencial para descoberta. O racismo estrutural que lidamos desde as primeiras idas à escola, aliado ao racismo institucional que permeia em diversos setores da sociedade fazem parte da mesma maleta de ferramentas.

Agora, dentro do entendimento sobre se considerarem negras, é indispensável colocarmos o papel que os padrões de beleza contribuem para isso e para a construção da autoestima de uma mulher negra. O gráfico a seguir mostrará como esses fatores agem nos espaços e atingem essa população.

⁹ Fonte: Jornal CNN Brasil (online). Site: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/como-o-preconceito-racial-afeta-a-saude-mental-da-populacao-negra/>. Acessado em 05 de Novembro de 2022.

¹⁰ DATASUS (Online) Site: http://cnes2.datasus.gov.br/Listar_Mantidas.asp?VCnpj=17749896000109&VEstado=31&VNome=PREF EITURA%20MUNICIPAL%20DE%20SAO%20JOAO%20DELREI. Acesso em 05 de novembro de 22.

Gráfico 2: Padrão de beleza



Fonte: PIMENTEL; SILVA, 2021

Fanon (2008) conduz essa complexidade da autoestima e a associa ao complexo de inferioridade. E o destaca como um mecanismo de dominação implementado pelos colonizadores com a tentativa de enaltecê-los e nos colocar no fim da base hierárquica. Ele ainda complementa que, ao sermos colonizados, em nós nasceu esse complexo, uma vez que o sepultamento de nossa originalidade cultural nos submete às ações tomadas à linguagem da nação civilizadora. Dessa forma, “quanto mais o colonizado assimila valores culturais da metrópole, mais ele escapará da sua selva” (FANON, 2008, p. 34)¹¹

Ao meu ver, as características essenciais incluem elegância, autocuidado, vibração de felicidade, sentir-se bem consigo mesma e intelecto. Acredito que beleza vá além de padrões culturalmente impostos. Que tem a ver com autoestima pessoal, independente dos formatos corporais e imagem. No entanto, socialmente falando, não há como negar a presença da interferência de padrões na construção pessoal. Esporadicamente, quando me vejo frente a problemas de autoestima, geralmente tem a ver com isso. Ainda que ocorra com pequena incidência nos meus dias atuais, o enfrentamento a uma demanda social externa, baseada em imagens estéticas espelhadas em modelos de branquitude, ainda me surge como um desafio (AMANDA, 2021)

O padrão de beleza hegemônico e europeu não é seguido por 50% das mulheres, porém 10% chama a atenção pra uma subjetividade: atingem sua autoestima. Podemos inferir que a percepção do belo está fortemente ligada a uma branquitude que escolhe

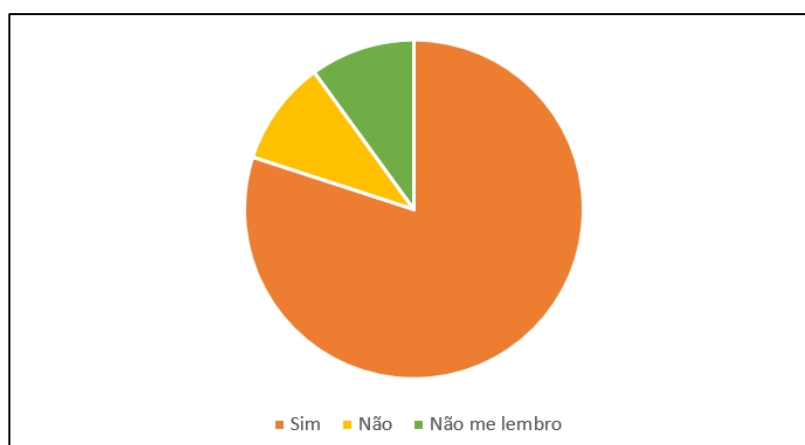
¹¹ PIMENTEL; SILVA. As Heranças da Modernidade e o Cheiro da Mulher Negra: A Ressignificação dos Aromas e a Cicatrização de Feridas, 2021.

padrões. Interessante analisar as mulheres que dizem não seguir algum padrão de beleza 40% e mulheres que disseram que essa questão é subjetiva. Não seguir um padrão de beleza, conforme foi relatado, pode significar que no momento optaram por não seguirem nenhum um padrão e uma segunda opção seria uma libertação desses modelos que negam a beleza do negro e o excluí de espaços.

Ao contrário do que enuncia a meritocracia,¹² hooks (2019), aponta como a sistemática desvalorização da mulher foi algo pensado e calculado como forma de controle social, na intenção de “parar” os negros. Visto que, se os negros tivessem as mesmas oportunidades que os brancos, poderiam se tornar bem-sucedidos em todas as áreas.

Uma espacialidade que merece destaque é a universidade, pois para Birman (2019), a universidade é considerada um espaço marcado pela arrogância e pela manutenção de hierarquias criadas pela modernidade, fazendo que a arrogância seja um importante elemento do recorte espacial em destaque. Para ele, a impossibilidade de aceitação/reconhecimento da diferença promove a perpetuação da hierarquia e das relações de poder entre indivíduos, grupos, segmentos e classes sociais, que constituiriam as coordenadas de base para a experiência da arrogância. A figura 06 tem o objetivo de demonstrar o quanto nossa inteligência ainda é questionada no espaço acadêmico.¹³

Gráfico 3: A faculdade coloca sua inteligência em questão



Fonte: PIMENTEL; SILVA, 2021

¹² Dicionário de Português: Predominância dos que possuem méritos; predomínio das pessoas que são mais competentes, eficientes, trabalhadoras ou superiores intelectualmente, numa empresa, grupo, sociedade, trabalho etc.

¹³ PIMENTEL; SILVA, 2021. As Heranças da Modernidade e o Cheiro da Mulher Negra: A Ressignificação dos Aromas e a Cicatrização de Feridas, 2021.

As universidades são espaços neutros ou políticos? Considerando que as universidades ainda reproduzem padrões de exclusões, podemos afirmar que a mesma assume duplas identidades espaciais. Quando são espaços que permitem discussões diversas e incentivam uma população acadêmica ativa dentro das unidades, a mesma se mostra completamente aberta. Porém sabe-se que a realidade de considerarem um negro como parte daquele espaço ainda é pouco encarada por parte de professores e alunos, o cenário é preocupante.

Lefebvre (2008), salienta que o espaço é um produto social, portanto, ideológico. No qual existem relações do urbano e da vida cotidiana. E, por isso, lidamos com as aplicações das fragmentações do espaço, bem como a capacidade técnicas e científicas do mesmo.

Através da fala dessas mulheres quando perguntadas se sua inteligência já fora colocada em pauta devido a questões raciais, assim a maioria relata ocorridos:

Sim. Percebo que no ambiente acadêmico, por exemplo, minha competência intelectual ocasionalmente fora confundida com minha militância racial. Meus argumentos científicos, hora ou outra, são postos a prova por terceiros, que acreditam que minhas elaborações sempre estão cruzadas por embasamentos muito pessoais e de forte carga psicológica. Com certeza o fato de ser mulher também influi bastante. Isso é exaustivo e já me senti diversas vezes como "impostora", como se a academia não fosse feita para mulheres como eu. (AMANDA, 29 anos, 2021)

Sim. Quando fiz a monografia, a orientadora não acreditava na minha escrita. Perguntava quem era o autor. Eu dizia que tinha sido eu e ela dizia que era impossível eu ter escrito. (MÔNICA, 44 anos, 2021)

Tive um professor no curso de História da UFSJ que mal me deixou completar uma frase sobre questões raciais na América, de antemão ele rebateu dizendo que "o racismo é uma percepção pessoal, algo interno. Não existe o racismo em si." Outros professores, também da História, na UFSJ, assim como alguns estudantes do curso, me acusaram de racismo reverso, após eu fazer um apontamento do racismo estrutural envolvido no desconvite que eles desejavam fazer para um congadeiro-moçambiqueiro, que foi convidado para participar da abertura da XVIII Semana acadêmica de História da UFSJ. Caso que levei para o colegiado do curso e consegui fazer com que a presença do mestre cultural, externo a comunidade acadêmica, fosse mantida. Evitando a experiência do constrangimento e preterimento do desconvite. No entanto, passei por reuniões tortuosas entre meu professores e colegas de curso, me senti em um verdadeiro tribunal de inquisição, tendo que provar a veracidade do que eu falava. Tive que mostrar as minhas conversas do Messenger com o rapaz, organizador da semana acadêmica, que entrou em contato comigo para que eu contatasse algum grupo de Congada para participar da abertura do evento até todo desdobramento dele dizendo que não seria mais necessário a presença do convidado no evento. Além de ter ignorado e não mais respondido minha sugestão de manter a participação do congadeiro no meu espaço de fala, pois eu estava inscrita e iria apresentar uma Comunicação no evento. Não tendo respostas, recorri à um e-mail destinado aos professores e coordenadoria,

uma vez que temos que ter ética nas relações que construímos com as pessoas envolvendo o nome da universidade. As pessoas não são descartáveis. Se a Professora Doutora não seria desconvidada, qual o motivo do Congadeiro ser? Minhas medidas de levar o caso para o colegiado foram consideradas extremistas e exageradas. Minha sanidade foi contestada, com sugestões de que o ramo da psicologia poderia trazer explicações sobre minha postura. Minha fala, inteligência, linha de raciocínio e escrita foi apontada como emotiva, não apenas no caso em que estávamos levantando, mas comparada com outros momentos de minhas falas/escritas públicas, por um professor que pesquisa negritudes e representatividade. (Regina, 2021)

Diante disso, devemos sempre nomear o fenômeno em comum em todos o relatos, pois não dá para lutar contra o que não se pode dar nome.¹⁴ Ter o conhecimento que ações como estas acontecem dentro de instituições é o mesmo que conseguir ver o racismo constitucional na concepção institucional na visão de Silvio de Almeida. Para Almeida (2019), a concepção institucional significou um importante avanço teórico no que concerne ao estudo das relações raciais. Sob esta perspectiva, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.

E dentro de em entendimento sobre o que move os indivíduos com suas especificidades e instituições, com seu grande leque de indivíduos os interesses cristalizados em uma sociedade que para o geógrafo Milton Santos (2000), produziram convicções escravocratas arraigadas, mantendo estereótipos, que não ficam no limite do simbólico, indiciando sobre os demais aspectos das relações sociais.

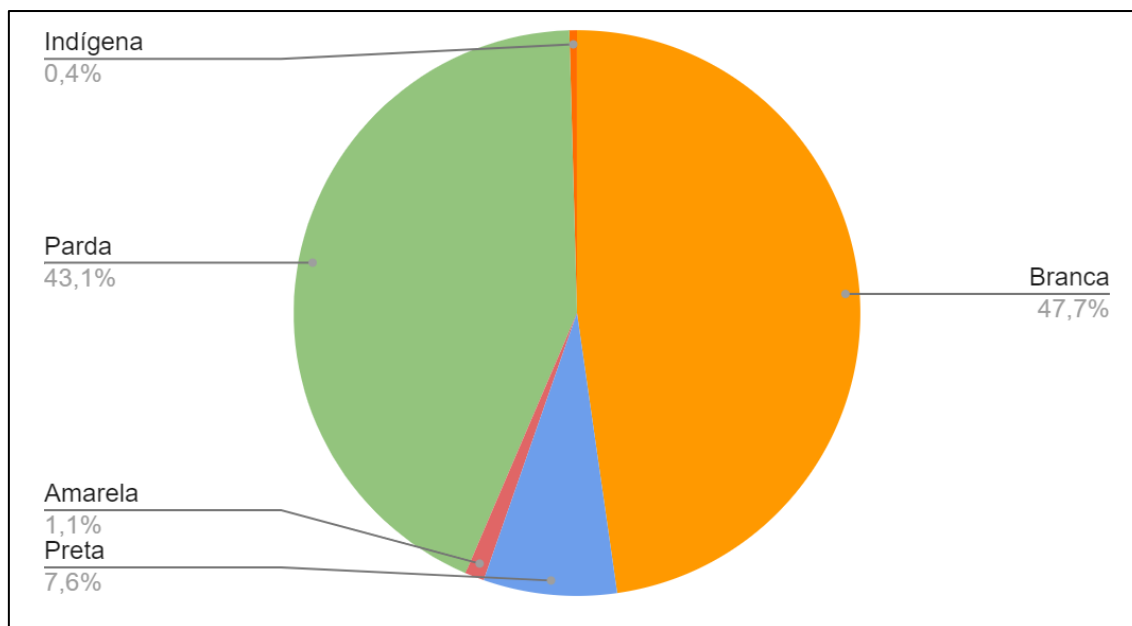
2.2 Molde branco: a branquitude na construção de espaços a partir de uma hierarquia de poder centralização de investimentos

Sabendo que a cidade é um espaço de luta, como diz Carlos (2009), devemos considera-la também como uma materialização do capital que possui valores de uso e valores de troca. Nesse sentido, precisamos compreender a lógica de produção dos espaços, para então tecermos a linha que nos leva quem tem o direito a cidade, e logicamente a ocupar espaços, dependendo do seu valor, este transformado em mercadoria.¹⁵

¹⁴ RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? Editora Companhia das Letras, 2018.

¹⁵ CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo JL; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. 2011.

Gráfico 4: População residente do Brasil por raça ou cor (por porcentagem)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE/2010, 2022

Carlos (2013) direciona uma discussão sobre o pensamento de Lefebvre sobre o espaço, para ele, em um determinado momento da história, o processo de reprodução da sociedade sob comando do capital, realiza-se na produção do espaço. Com isso, podemos afirmar que, sem sociedade, não se tem a noção do espaço como uma produção. Bem pelo fato de que uma teoria se transforma no tempo e nos seus agentes.

Na Geografia, a noção de espaço, com muita dificuldade supera sua condição de objetividade pura. Não resta dúvida de que a evolução do conceito de espaço como localização dos fenômenos, para aquele de “produção social” é um salto expressivo em direção à compreensão do mundo através da Geografia, permitindo-nos pensar na passagem de uma concepção a outra como momentos de transformação da realidade.

A Geografia dos corpos, aliada a uma Geografia Urbana crítica nos permite caminhar sob vertentes do conhecimento capazes de realizar um trabalho investigativo, de procurar agentes que transformam espaços e os corpos que habitam. Alguns, por inércia do mito de democracia racial¹⁶, continuam a acreditar que a classe socioeconômica é o único critério de discriminação dos negros no Brasil. No entanto, é

¹⁶ Portal Geledés. Kamengele Munanga, 2015 Site: <https://www.geledes.org.br/a-preponderante-geografia-dos-corpos/> Acesso em 25 de Outubro de 2022.

pela geografia dos corpos que somos vistos e percebidos antes de descobrir nossas classes sociais.

Nossos corpos foram/são marcados pelo espaço, e possuímos marcas visíveis, segundo Milton Santos, essa problemática pode partir de três principais pontos:

a corporeidade, a individualidade e a cidadania. A corporeidade implica dados objetivos, ainda que sua interpretação possa ser subjetiva; a individualidade inclui dados subjetivos, ainda que possa ser discutida objetivamente. Com a verdadeira cidadania, cada qual é o igual de todos os outros e a força do indivíduo, seja ele quem for, iguala-se à força do Estado ou de outra qualquer forma de poder: a cidadania define-se teoricamente por franquias políticas, de que se pode efetivamente dispor, acima e além da corporeidade e da individualidade, mas, na prática brasileira, ela se exerce em função da posição relativa de cada um na esfera social.”(SANTOS, 2000, p. 3)

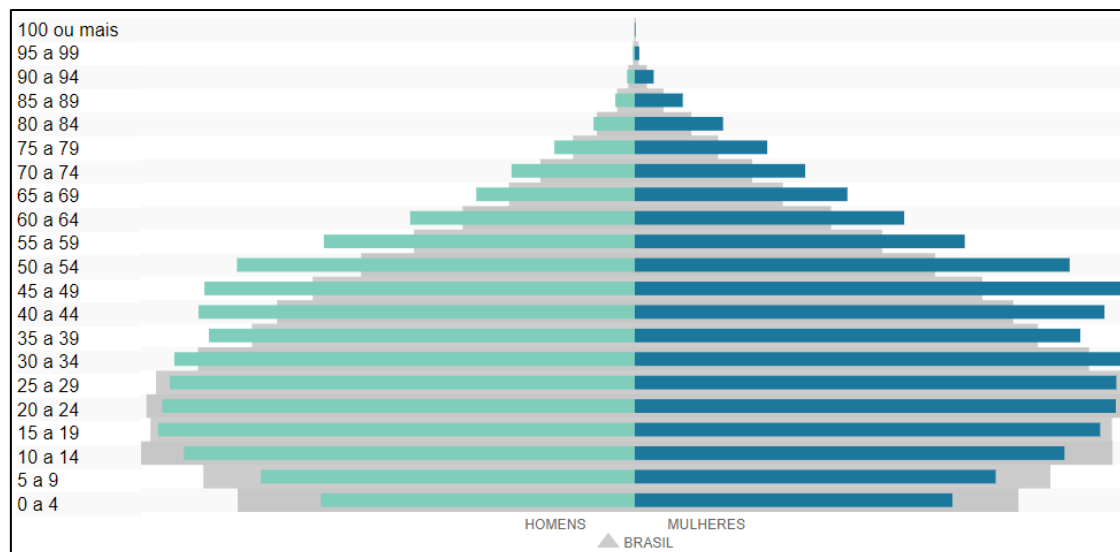
Os padrões e as dimensões espaciais do mundo ganham cada vez mais significado,¹⁷ tornando as noções de espaço e território ainda orientadas pelas reflexões dos geógrafos diante das mudanças do mundo moderno. Santos dialoga com Fani na apreensão da esfera social, considerando todo um arcabouço necessário para lidarmos com subjetividades individuais dentro do debate teórico da produção de espaço.

De acordo com o censo demográfico realizado em 2010, São João del-Rei mostra como no transcorrer dos anos todo o corpo da pirâmide os grupos se igualaram. Apresentando aproximadamente as mesmas porcentagens em suas taxas de natalidade, mortalidade e estabilidade, destacando então a importância do censo como uma ferramenta essencial para o Estado e seus serviços prestados para com a população. Um censo, é pois, junto com outras medidas centralizadoras, um ato de poder e uma busca pela visão estatal sobre seu território, seus recursos, sua população.¹⁸

¹⁷ CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2013.

¹⁸ BISSIGO, Diego Nones. O lugar dos africanos na estatística brasileira do século XIX. *Afro-Ásia*, n. 56, 2017.

Figura 4: Pirâmide etária de São João del-Rei, 2010



Fonte: IBGE, 2010

A compreensão dos espaços é necessária, saber quantos “dos nossos”¹⁹ ocupam a mesma cidade é necessário, pois todo movimento de conquista é coletivo e político. A nossa raça representa a dimensão dos nos corpos e o que eles significam, bem como nossa territorialidade é reduzida a corpo,

assim sendo, raça é um conceito cujo significado só pode ser recolhido em perspectiva relacional. Ou seja, raça não é uma fantasmagoria, um delírio ou uma criação da cabeça de pessoas mal-intencionadas. É uma relação social, o que significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos. (Almeida, 2019, p.34)

Ribeiro (2018), descreve como a linguagem opressora do discurso de ódio é uma conduta violenta que visa submeter o outro, desconstruindo a sua própria condição de sujeito, arrancando-o do seu contexto e colocando-o em outro, onde paia uma ameaça de violência real. Neste caminho que bell hooks (2019) caminha, incentivando mulheres negras a se atrever, pois desde o período da escravidão as negras eram vistas como atrevidas pelos homens brancos. Não iremos seguir desejos de uma branquitude opressora, iremos atrever.

Quando mulheres escrevem sobre o racismo em suas vidas, e como o mesmo invade suas faculdades mentais e atingem o seu dia-a-dia, elas estão se atrevendo e afrontando todo um sistema colonial que implantaram a máscara do silêncio. Quando

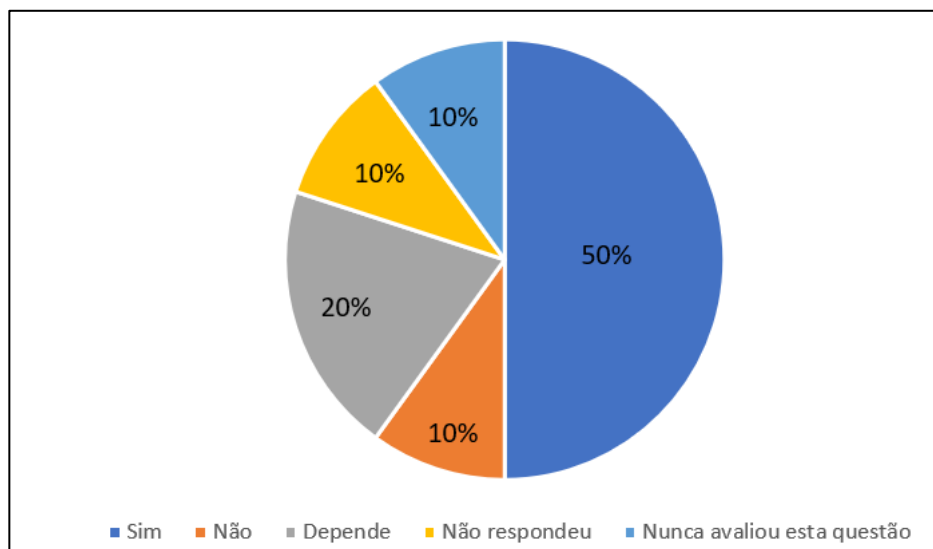
¹⁹ Termo aqui colocado para significar a população preta em uma linguagem informal e aproximativa.

uma mulher negra fala sobre seus sentimentos, ela fica de frente com o patriarcado sexista.

Hoje em dia, sigo padrões socialmente impostos com menor incidência. Sinto que me libertei de variados padrões. Isso inclui principalmente a aceitação do cabelo natural, dos meus traços e da tonalidade da pele. Sempre gostei e me atraí por uma beleza minimalista, mas percebi que esse "minimalismo" sempre esteve ancorado à construção imagética de traços finos e singelos, que geralmente estavam ligados à modelos de branquitude. Hoje já elaboro que ter traços mais grossos, marcantes, não me excluem da possibilidade de ser uma mulher elegante. Esses fatores com certeza me marcaram positivamente. Todavia, ainda me vejo esporadicamente preocupada com meu peso, questões dermatológicas (como acne e manchas) e em estar com vestuário bem apresentável. Isso, de certa forma, me gera um cansaço mental. Também não posso negar, que, o fato de ser uma mulher magra e ser uma negra de pele mais clara, já me colocam frente a possibilidades sociais que outras mulheres terão de se esforçar mais para angariar. Nesse sentido, reconheço meu local de privilégio. (Amanda, 2021)

Para hooks (2020), o sexismo era parte integrante de uma ordem social e política trazida pelos europeus por colonizadores brancos, e tinham a intenção de causar impacto profundo no destino das mulheres negras escravizadas. Porém, lamentavelmente é algo presente na contemporaneidade, e ainda impossibilita mulheres de ocuparem e ser presente nos espaços desejados. Como por exemplo, a aproximação indesejada de homens invadindo sua privacidade em espaços públicos, sejam eles ruas, lojas, festas, tem forte ligação com a pele da mulher negra e o que a mesma significa no âmbito de estereótipos sobre a negritude feminina.

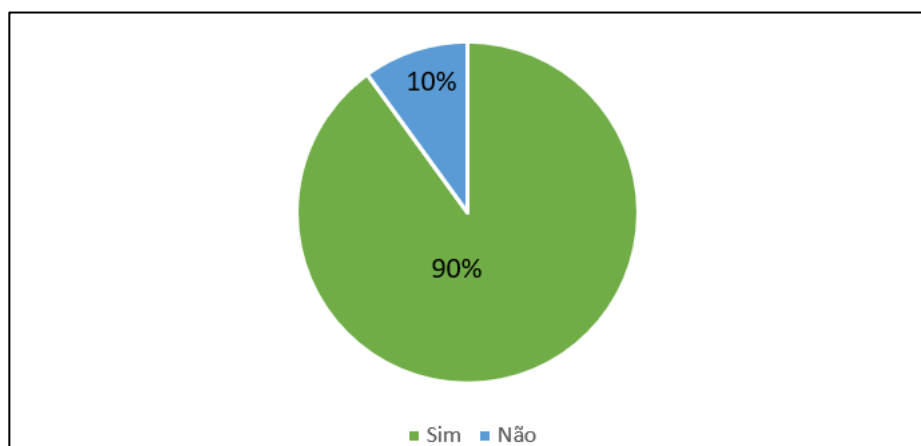
Gráfico 5: Aproximação de homens devido a cor da sua pele



Fonte: PIMENTEL; SILVA, 2021

O Século das Luzes nos conduziu a uma verdadeira escuridão e por isso, segundo Fanon (2008), o negro pretende encontrar saídas no mundo branco, para então ele retomar seu ego, se associando ao branco. Apesar de buscarmos um diálogo que tente superar as heranças da modernidade, não podemos desprezar a sua influência no cotidiano de diversas mulheres, principalmente quando ouvimos que uma apesar de negra, é bonita. (PIMENTEL; SILVA, 2021, p,7)

Gráfico 6: Em algum momento percebeu seu corpo objetificado



Fonte: PIMENTEL; SILVA, 2021

Todo o sexismo existente, mais conhecido como patriarcado, como diz hooks (2020), cria caminhos que mulheres negras não conseguem passar. No questionário, 90% das mulheres relataram perceber seus corpos objetificados em espaços. De que forma podemos estar inseridas em espaços de força segura e de modo que nossos corpos não sejam objeto de desejo, assim como outro qualquer objeto inanimado?

Parece que só se pode existir através de uma imagem alienada de si mesma/o. O momento em que o *sujeito negro* é inspecionado como um *objeto* de fetiche, um *objeto* de obsessão e desejo é descrito por Frantz Fanon como um processo de “despersonalização absoluta” (1967,p.63), pois o *sujeito negro* é forçado a desenvolver um relacionamento com o eu e a performar o eu que tem sido roteirizado pelo colonizador, produzindo em si mesmo a condição internamente dividida de despersonalização. (KILOMBA, 2020, p. 119)

De fato, existe um modelo de aceitação nos espaços, um modelo importado da Europa por homens brancos. Certamente, nós, mulheres negras teremos de ser convictas de nossas perspectivas e intenções em “estar”²⁰ nos espaços.

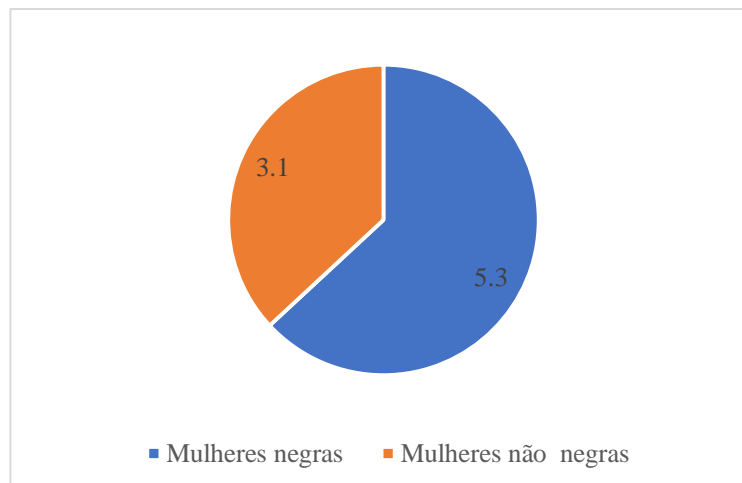
²⁰ Estar: assim colocada para enfatizar a importância de ocupar efetivamente espaços que frequentarmos, não somente ser sombras de uma maioria que dita comportamentos á minorias, como mulheres e negros em questão.

Sim. E confesso que ainda me sinto mal ao entrar em ambientes comerciais tidos como de "alto padrão". Por mais que eu me esforce, às vezes ainda sinto a sensação de ser um peixe fora d'água, como se aquele local não fosse feito para mim. Geralmente, não entro em lojas requisitadas se não estiver bem vestida, por exemplo. Já recebi olhares e comentários pejorativos nesses locais por causa da minha cor; por isso sinto uma espécie de "obrigatoriedade" de estar bem apresentável para ser minimamente aceita. (Amanda, 2021)

Este relato da Amanda nos faz assimilar como o espaço além de moldar uma sociedade com seu sistema econômico vigente, ele também molda corpos e mentes. É um sentimento comum em negros de que se estiverem bem vestidos, talvez não sofreram algum tipo de racismo do cotidiano simples, como em ir em uma loja. Sempre fomos instruídos a não adentrar em estabelecimentos comerciais com mãos escondidas (mãos no bolso), a não usar capuz também. Pois, segundo um regimento social hierárquico e branco, estes são comportamentos de pessoas que irão roubar.

Durante o Brasil Colônia, ao corpo negro foi designado um papel subalternizado, pois, comparado a um animal e completamente desumanizado, atendia apenas aos interesses dos seus senhores. Ao não ser considerado humano, este corpo objetificado buscava resistir e servia apenas para ser explorado de diferentes formas, que vão desde o trabalho pesado ao estupro colonial. Nesse período os dispositivos de poder já se faziam presentes e decidiam quem poderia viver e quem deveria morrer. Diante de tamanha desumanização do corpo negro, a mulher negra sentia na pele o sofrimento diante da objetificação do seu corpo, dentro ou fora da casa grande. (PIMENTEL; SILVA, 2021, p. 20)

Gráfico 7: Diferença entre o número de homicídios entre mulheres brancas e não brancas



Fonte: Instituto Patrícia Galvão, 2018²¹

A diferença expressiva de 71% entre mulheres negras e não negras representam que o racismo estrutural segue enraizado em nossa sociedade. Mostrando ainda como as diferenças de gênero estão relacionadas com esses indicadores. Os espaços por terem dinâmicas distintas de funcionamento, porém gerenciados pelo capitalismo, acabam sendo uma eximia reprodução do racismo em suas múltiplas faces. No trecho abaixo quando perguntada se já foi abordada em algum ambiente público, Bianca responde,

Já, principalmente em feiras livres pensam que estou trabalhando. Quanto à seguir em lojas sempre percebo a necessidade das vendedoras em me dar uma cestinha e sinto que seja para os produtos ficarem visíveis. (Bianca, 2021)

Este passagem nos faz perceber algo bastante curioso, eu diria: em estabelecimentos de comércio somos sempre colocados em evidências, como suspeitos de algo, que precisam ser vigiados e seguidos, porém, existem espaços que somos invisibilizados, como nos momentos que precisamos de serviços de qualidade, como saúde, justiça, educação e outros. Mas nestes momentos que somos invisibilizados, não existimos.

Os gráficos sintetizam bem o que Sassen (2007) descreve o espaço, como sendo heurístico, aquele espaço que possui a capacidade de produzir conhecimento sobre algumas grandes transformações de uma dada época. Desse modo, podemos ir ao encontro com Carlos, quando a geógrafa descreve a cidade com diversas atribuições, mas principalmente como espaço de luta.

²¹ Pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão em São Paulo com base no Atlas da Violência em 2018.

CAPÍTULO 3: A RAÇA COMO MARCADOR SOCIAL: DO DIREITO A CIDADE AO DIREITO DE EXISTIR

No capítulo final iremos apresentar o “outro lado do atlântico”, conceito de perceber as heranças africanas boas que vieram junto com os indivíduos que foram desumanizados no processo de escravidão, e tiveram sua identidade negada e espaços renegados. Perceber que existem mulheres negras fortes que trabalham a recuperação do direito feminino de ocupar espaços.

3.1 O pensamento interseccional dentro do direito a cidade

Existir no espaço, em sua territorialidade e materialização demanda força e teimosia, Carolina Maria de Jesus (2010) relata seus longos e difíceis dias vivendo em uma comunidade pobre e favelada, criando seus filhos sozinha. Carolina expressa uma fala que narra a realidade do pobre e negro brasileiro: “Quem governa o Brasil não sabe o que é a aflição do pobre”. E de fato a indignação com suas condições sociais são válidas, quando lidamos com despolíticas públicas, que não incluem o pobre e negro favelado. Com esse sentimento, Carolina escreveu em seu diário no dia 16 de maio de 1958:

Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que só eu levo essa vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos de Jordão. Eu quando estou com fome quero matar Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos. (JESUS, 2010, p.33)

Ela ainda seguia com esse desgosto,

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro *País* sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava *discontente* que até cheguei a abrigar com meu filho José Carlos sem motivo. (JESUS, 2010, p.33)

O descontentamento de Carolina demonstra como as favelas e pobres do Brasil são retratados, com ausência de aparelhos sociais e urbanos, assistências na saúde e

alimentação. Fatos que se apresentam no espaço claramente as particularidades contraditórias do capitalismo.

Nos espaços periféricos, as formas de valorização do espaço introduzidas pela subordinação dos lugares à lógica e à dinâmica do capitalismo não reproduzem especificamente o “modelo” de valorização capitalista do espaço. Neles esse modo de produção vai reviver, criar o assimilar elementos estranhos a sua essência original (a do “capitalismo propriamente dito”), revelando nessa adaptação/dominação toda a particularidade dos processos históricos em seus movimentos contraditórios. (MORAES, 2011, p. 59)

Dessa maneira, dentro da lógica capitalista, as favelas e periferias não possuem valores espaciais, fazendo com que sejam parte da cidade que não entram na fotografia do mercado imobiliário. Este, como outros mercados, anda lado à lado com a valorização capitalista do espaço.

A forma de ocupação dos espaços e por que espaços públicos se tornaram uma plateia para a reprodução do racismo: a contemporaneidade ainda é assombrada pela colonialidade e seus moldes. O racismo cotidiano que mulheres negras vivem suas vidas, é um presente exemplo de como nossos corpos possuem marcas de uma colonialidade opressora que nos impede andar pela rua. Quando um jovem negro é “confundido”²² com ladrão, estamos falando desse estigma que o negro traz consigo. Somos ensinados a sempre transitar pelas ruas identificados, e ainda sim, somos estatísticas de homicídios e de prisões injustas ou enganadas. Essa retirada de mobilidades em espaços públicos não condiz a Constituição Brasileira de 1988, que defende a livre locomoção

“**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

XV - e livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens” (JUSBRASIL, 2022).

Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra e mãe que criou sozinha seus filhos, via o “outro lado do atlântico” em si mesma. Ela tinha não somente consciência de

²² A palavra “confundida” entre parênteses, se refere a prisões enganosas seguindo um perfil de negro e pobre, que são confundidos com ladrões no Brasil. Onde todo preto é suspeito ou culpado, seguindo uma opressão costumeira da colonialidade.

classe, mas também consciência racial, e atrevia com todos que a diminuía como escritora e mulher negra:

“...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles *respondia-me*:
-É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais *iducado* do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça e ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta” (JESUS,2010, p. 65)

Figura 5: Carolina Maria de Jesus embarcando para Uruguai em 1961 para lançar seu livro “Quarto de despejo”



Fonte: Revista Marie Claire, 2022

Ao encontrarmos Carolina de Jesus ao longo da nossa trajetória, enxergamos que uma simples mulher, com todas as adversidades possíveis, conseguiu expressar como ninguém a capacidade que uma negra possui de dar sentido a sua própria história. Uma mulher que fora empregada doméstica e catadora de lixo, mas que apaixonada pela leitura, utilizou a caneta como uma arma capaz de destruir qualquer narrativa proposta pela modernidade²³. Carolina é uma referência da força da mulher negra,

Em geral, quando pessoas falam sobre a “força” de mulheres negras, referem-se à maneira como percebem que mulheres lidam com a opressão. Ignoram a realidade de que ser forte diante da opressão não é o mesmo que superá-la, que resistência não deve ser confundida com transformação.” (hooks, 2020, p.25)

Conversar sobre racismo é algo doloroso e por vezes causa o sentimento de raiva. Mas por que será que surge essa raiva?

“Obviamente falar sobre essas posições marginais evoca dor, decepção e raiva. Elas são lembretes dos lugares onde mal podemos entrar, dos lugares nos quais dificilmente “chegamos” ou não “podemos ficar” (hooks, 1990, p. 148) apud Kilomba 2020.

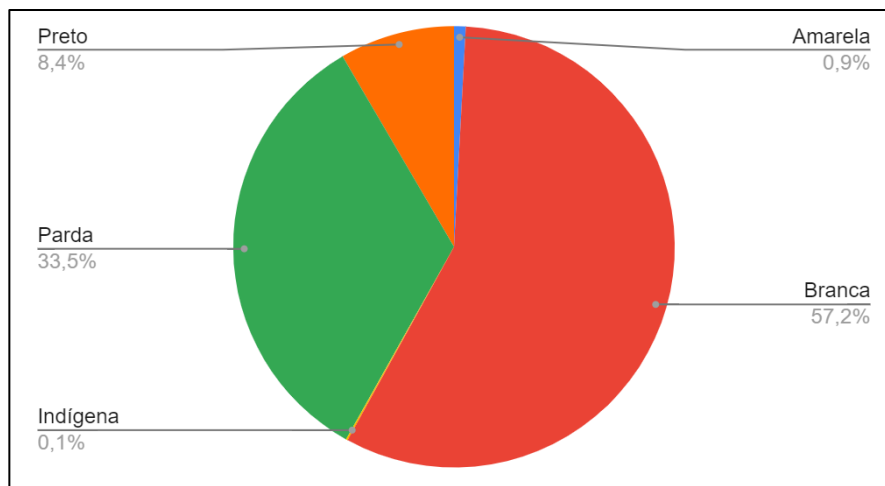
De forma que possamos entender o enraizamento do racismo em suas instituições e relações, assim coloca Silvio de Almeida (2019), a importância de medidas políticas internas que deveríamos implementar como práticas antirracistas no espaço e na produção do mesmo. As medidas se consistem em quatro ações a seguir:

- a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade;
- b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição;
- c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais;
- d) promover o acolhimento

São João del-Rei, que possuía em 2010 33,5% da população parda e 8,4% pretos e 57% de brancos mostra que ainda sob uma construção com mão- de- obra escrava a cidade possui mais 50% de população branca. Dados que explica espacialização do povo negro, em bairros periféricos e centralização de brancos em bairros centrais da cidade.

²³ PIMENTEL; SILVA, 202. As Heranças da Modernidade e o Cheiro da Mulher Negra: A Ressignificação dos Aromas e a Cicatrização de Feridas, 2021

Gráfico 8: População residente em São João del-Rei por raça ou cor (em porcentagem)



Fonte: Elaboro pela autora com base nos dados do IBGE/2010,2022

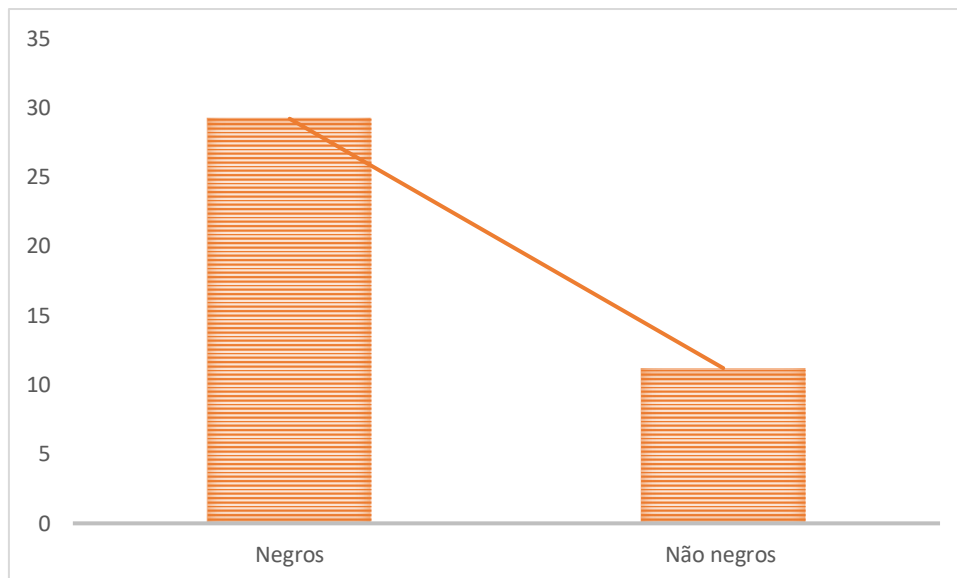
Para Santos (2012) a organização espaço-temporal das relações sociais delinea que, nos momentos e lugares em que se define o acesso às riquezas que a sociedade produz (acesso à educação, emprego, saúde, conhecimento e seus instrumentos de produção, posições de poder, etc.), as diferenças raciais são mobilizadas na forma de verticalidades e hierarquias, assim produzindo e reproduzindo inequivocamente as desigualdades raciais.

3.2 O Brasil na construção de espaços acolhedores e uma educação racial

Brasil, um país onde cerca de 50% da população é negra, possui altos índices de violência contra esse grupo, sendo 77% das vítimas de homicídios²⁴. Violências estas praticadas em espaços públicos ou privados violência contra negros em espaços públicos e privados. Esses dados nos fazem identificar como os negros ainda carregam os males de um sistema escravocrata que não terminou na abolição em 1888.

²⁴ Fonte: Agência Brasil- Direitos Humanos. Site: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-08/risco-de-negro-ser-assassinado-e-26-vezes-superior> . Acesso em 04 de Novembro de 2022.

Gráfico 9: Índice de homicídios no Brasil em 2019



Fonte: Elaborado pela autora através dos dados da Agência Brasil- Direitos Humanos/2021, 2022

Para Lélia Gonzalez (2019) a mulher negra enfrenta a problemática da negritude em três outros cenários, a interseccionalidade em gênero, raça e cor. Dessa forma, um corpo carrega consigo três pesos, e sem nenhuma intenção de diminuir esse fardo, a branquitude, grande aliada da história brasileira cada dia mais acrescenta um peso a mais nesse fardo. Em tentativas de eliminar essa população invisível que não acrescenta valores nos lugares por onde passa ou reside.

Em que momento minhas ancestrais deixaram de ser sujeitas? O racismo estrutural por sua vez, é um marcador constante de que o preto é aquele indivíduo que precisa saber seu lugar e que alguém precisa fazer esse papel locacional. Já que ele insiste em andar livremente por metrô, ônibus, ruas e avenidas.

Naturalizar a desigualdade, evadir-se do passado, é característico de governos autoritários que, não raro, lançam mão de narrativas edulcoradas como forma de promoção do Estado e de manutenção do poder. Mas é também fórmula aplicada, com relativo sucesso, entre nós, brasileiros. Além da metáfora falaciosa das três raças, estamos acostumados a desfazer da imensa desigualdade existente no país e a transformar, sem muita dificuldade, um cotidiano condicionado por grandes poderes centralizados nas figuras dos senhores de terra em provas derradeiras de um passado aristocrático. (SCHWARCZ, 2019, p.19)

Fazendo um recorte de dois anos no Brasil, podemos observar na mídia, principalmente nas redes sociais como vem surgindo ou, até mesmo se intensificando ataques a pessoas negras nas ruas. Na mídia televisiva são casos de agressões verbais dirigidas a mulheres negras e famílias em metrô, como no caso em Belo Horizonte, em

que uma família negra utilizando transporte público sofre violência verbal, chamados de “negros fedidos, crioulos fedorentos e raça impura”²⁵

O cabelo da mulher preta que possui um significado de empoderamento, força e ancestralidade é visto como uma doença que pode ser contagiosa para quem chegar perto. Essa é a percepção de uma frequentadora do metrô na Zona Sul de São Paulo²⁶:

De acordo com ela, quando se acomodou na cadeira do vagão “deve ter encostado o cabelo de alguma maneira na senhora que estava” no assento de trás. A outra mulher, que é branca, disse para que “não encostasse o cabelo nela, pois poderia passar alguma doença”. A frase foi repetida mais de uma vez, segundo o relato.” (CNN, 2022)

No caso, a vítima possui o cabelo crespo. Ter cabelos naturais para negros/negras é algo poderoso e rico, que novamente nos demanda força para lidarmos com racismo e opiniões externas indesejadas. Permitir que seu cabelo fique em forma natural é como aceitar sua origem e ficar em paz com isso. E pode-se perceber um movimento entre os adolescentes em deixar seus cachos “bem definidos” e bonitos, esse é um comportamento de aceitação é novo entre os jovens. Na rua da minha casa também moram adolescentes e um deles gosta de conversar sobre cremes e gelatinas que definem os cachos e os destaca. Esse mesmo garoto cerca de dois anos atrás aproximadamente mantinha um corte de cabelo baixo, onde era imperceptível seus cachos. Certamente, preto está na moda. Perceber essa mudança de comportamento é também cruzar com percepções da contemporaneidade, que agora está moldando padrões na qual o preto está apresentando fenótipos aceitáveis, porém o preto de agora era o mesmo preto do tráfico negreiro do século XVI.

“Sempre tive o mesmo rosto
A moda que mudou de gosto”
(BACU EXU DO BLUES, 2022)

Para Gomes (2002), a subjetividade e à cultura dá-se em um determinado contexto social, histórico e político. E é esse contexto, juntamente com a experiência individual,

²⁵ Portal de Notícias G1. SITE: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/06/06/negros-fedidos-crioulos-fedorentos-raca-impura-diz-mulher-a-familia-negra-em-metro-de-belo-horizonte-video.ghtml> . Acesso em 04 de Novembro de 2022.

²⁶ Portal de Notícias CNN Brasil. SITE: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-civil-investiga-caso-de-injurias-racial-no-metro-de-sao-paulo/> Acesso em 04 de Novembro de 2022.

que vai compor o complexo terreno da identidade negra. Homens e mulheres negras de diversas partes do mundo constroem-na de formas variadas, embora tragam consigo algo que os une: um pertencimento racial, oriundo de uma mesma ancestralidade africana, cuja maneira de lidar com o cabelo é uma forte expressão da cultura.

Pensar sobre negligências, também é uma forma de exercermos o pensamento sobre os espaços que negras e negros ocupam, e como e se o Estado lhes dá aparelhagem para estar nesse espaço. Sabemos que a resposta desse auxílio do Estado é um claro não visto que como cita Sueli Carneiro, existem os dispositivos de poder que decide uma sociedade e molda a mesma, de acordo com uma supremacia branca, e aliada a um percepção do Silvio de Almeida, o racismo é institucionalizado, ou seja, ele não tem premissas somente na ideologia, o mesmo tem aberturas em redes de controle do Estado, como no mercado de trabalho e na justiça criminal (KILOMBA, 2020).

Vale pensar como a temática do racismo é enfrentada nas escolas, considerando que os primeiros contatos da criança com sua raça e consciência de si, os primeiros passos se dá nas escolas. Sabemos da aparelhagem ineficiente do Estado na questão do conhecimento sobre a África, em um país onde cerca de 54% da população é negra, segundo o IBGE.²⁷

Lamentavelmente, nem sempre damos a essas dimensões simbólicas a devida atenção dentro do ambiente escolar e, quando o fazemos, nem sempre as consideramos dignas de investigação científica e merecedoras de um trato pedagógico. Dessa forma, um dos caminhos para a ampliação do estudo da questão racial no campo da educação, na tentativa de compreender a sua relação com o universo simbólico, pode ser a construção de um olhar mais alargado sobre a educação como processo de humanização, que inclua e incorpore os processos educativos não-escolares. Poderemos, então, captar as impressões, representações e opiniões dos sujeitos negros sobre a escola, elegendando, com base nesses dados, temáticas que nem sempre são destacadas em nosso campo de atuação e que mereceriam um estudo mais profundo. (GOMES, 2002, p.40)

Certamente educadores e educadoras possuem o discernimento da necessidade de ensinar sobre o racismo e combatê-lo dentro das escolas, contudo, precisamos trabalhar com cenários da realidade educacional brasileira: existem escolas que privam aluno e professores de discutirem essa temática, e também há também circunstâncias que

²⁷ Jornal da USP. Site: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/> Acesso em 05 de novembro de 2022.

professores optam por não trabalhar o tema em sala de aula, por decidir que não seria um tema relevante para o espaço.

Sabe-se que o entretenimento negro não desfruta da mesma visibilidade do entretenimento branco. Atualmente está se difundindo no meio do entretenimento, uma ferramenta chamada *pod-cast*, que muito se parece com o sistema de rádios. Nele escutamos conversas sobre diversos temas com distintas opiniões. Um *pod-cast* que aqui gostaria de apontar sua importância, e que eu particularmente aprecio é o *Mano a mano*, com o rapper Mano Brown. Neste episódio em específico Mano Brown recebe a intelectual, filósofa e ativista antirracista referência do movimento social negro brasileiro, Sueli Carneiro²⁸.

Em uma conversa informal e de certa forma íntima, por considerar os anos que os dois trabalharam juntos em programas sociais, é possível perceber como o racismo é o fator que organiza uma sociedade. Sueli conta como aprendeu a pensar como preta lendo Lélia Gonzalez²⁹ como famílias negras também podem ser distintas no sentido de como criar e educar seus filhos para a perversidade do racismo. Como exemplo em um Podcast do Mano Brown, chamado *Mano a Mano*, ele entrevista a filósofa Sueli Carneiro e eles conversam sobre essa percepção interna da família sobre a negritude. A filósofa conta que sua família a criou com o conhecimento direto que a negritude traria impactos e que seria algo que ela precisaria enfrentar, já o rapper comenta que a negritude não era muito comentada em sua casa por diversos fatores.

Em uma fala do rapper sobre o descaso com negros em hospitais, Sueli responde em um português claro sobre a organização dos corpos negros nas cidades brasileiras,

O que organiza essa porra é o racismo. O racismo é uma ideologia para produzir privilégios para um grupo em detrimento de outro. (...) Eles assinaram uma abolição que significava: “você estão livres para morrerem na sarjeta dessa país”. Não tinha um projeto de inclusão social. Não havia um projeto educacional. Fomos jogados no lixo das cidades brasileiras. (CARNEIRO, 2022)

²⁸ <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr> Plataforma de streaming. Acesso em 06 de Novembro de 2022.

²⁹ Lélia Gonzalez, intelectual negra, professora universitária que deixou um legado fundamental no movimento negro, com reformulações teóricas. Com pensamentos interseccionais e reflexões que caminhei minha vida acadêmica e percepções da negritude, principalmente a minha.

Para Moraes (2011), nos países de formação colonial a argumentação geográfica ganha um peso significativo na justificativa da identidade e da unidade política, pois a colonização é em si um processo que interessa a relação sociedade-espço, tema por excelência desse campo disciplinar. Trata-se do movimento de uma sociedade que se expande sobre os “novos” – na perspectiva do colonizador- lugares onde se dá a expansão. Essa análise de Moraes vai de encontro ao que Sueli comenta no *pod cast*, pois os lugares mesmo que ainda valorizados por colonizadores possuem construções históricas e farão parte de uma história, e nesse processo, a desumanização e animalização do negro se faz presente, de forma que com a abolição não exista nada de concreto para que eles possa retomar suas vidas e dignidade. Ou seja, os senhores de escravos os libertaram, mas não desejavam que eles fossem humanos novamente, pois dessa forma, não teriam a subordinação desse grupo e mão-de-obra para explorar recursos dos espaços apropriados.

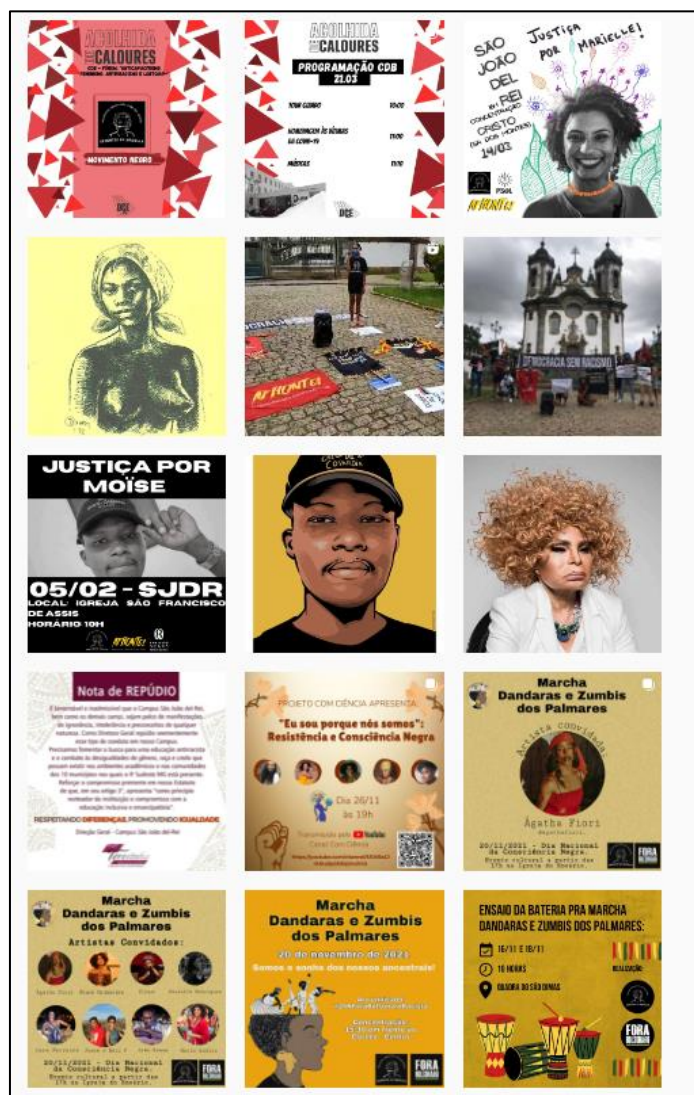
Com essas percepções fundamentadas em uma organização do espaço, coloco aqui a necessidade de sempre trabalharmos em nós mesmo a visão do “outro lado do atlântico”. Uma visão que nos permite olhar para o que está sendo feito de bom e fundamental em nossas cidades e país. Nesse sentido, cabe então estudar a produção do espaço no sentido cotidiano, nas suas formas de ocupação.

O espaço produzido pela sociedade implica desconsiderar o espaço como uma existência real independente da sociedade. A reprodução do espaço (urbano) recria constantemente as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital, da vida humana, da sociedade como um todo. A reprodução do espaço do espaço (urbano) enquanto produto social é produto histórico, ao mesmo tempo em que a realidade presente é imediatista. Esta realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar, num momento histórico específico. (CARLOS, 2009, p.74)

São João del-Rei está em um caminho de progresso. É necessário negro e negras terem uma base apoio e lugares ou pessoas a quem recorrerem. Um projeto ainda juvenil chamado Movimento Negro – SJDR, possui uma página no Instagram³⁰, plataforma que permite acesso remoto. A página, com a primeira publicação datada em 27 de setembro de 2021, se tornou um lugar onde administradores publicam eventos da comunidade negra, como conversas, rodas de debates, shows locais e descontentamentos da população negra em alguma situação.

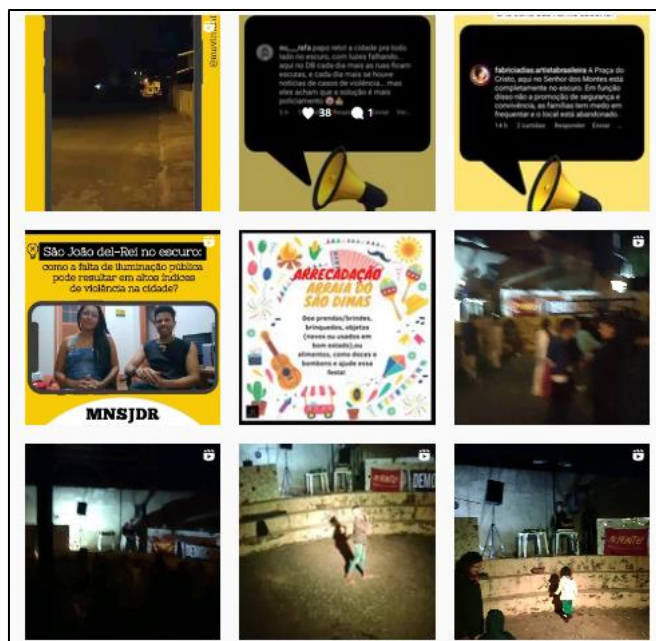
³⁰ Página do Movimento Negro- SJDR/MG. <https://www.instagram.com/movimento.negro.sjdr/> Acesso em 06 de Novembro de 2022.

Figura 6: Visualização da página do Movimento Negro de São João del-Rei



Fonte: Movimento Negro de São João del-Rei/Instagram, 2022.

Figura 7: Visualização da página do Movimento Negro de São João del-Rei



Fonte: Movimento Negro de São João del-Rei/Instagram, 2022.

A página do movimento negro está com uma pauta recente e preocupante nos termos de qualidade de serviço público: a ausência de iluminação pública em diversos bairros da cidade, destaque que, os bairros centrais não estão enfrentando essa dificuldade de transitar pelas ruas. Pois sabemos que, os bairros centrais sempre são atendidos e vistos pelos responsáveis pelo município.

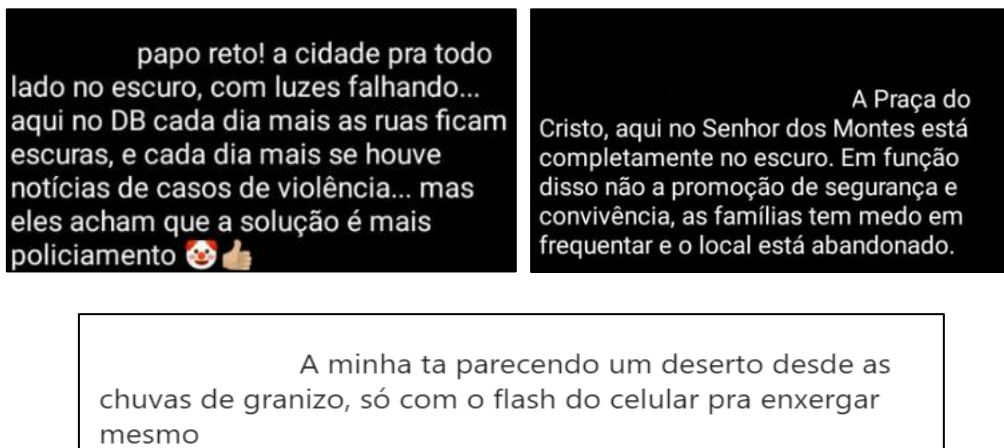
Figura 8: Publicação realizada para levar para a população a ausência de iluminação pública em São João del-rei



Fonte: Movimento Negro de São João del-Rei/Instagram, 2022.

Por ser um lugar, ainda que virtual, as pessoas possuem o direito de comunicar sobre seus bairros e opinar sobre a situação, inclusive a ineficiência do órgão municipal responsável pela manutenção da rede de iluminação pública da cidade.

Figura 9: Comentários de usuários da rede sobre a ausência de iluminação pública



Fonte: Movimento Negro de São João del-Rei/Instagram, 2022.

As demandas de bairros periféricos³¹, se materializam quando mulheres sentem medo de transitar pelo seu bairro devido a falta de iluminação. O medo de ser mulher se agrava nessas circunstâncias, o escuro se torna um facilitador de violências e abusos que poderiam ser evitados. Carlos (1999) considera que as reivindicações por melhores condições de vida passam pela discussão da contradição entre capital e trabalho, fundada na propriedade privada dos meios de produção e na desigualdade social e jurídica dos homens.

³¹ Bairros periféricos aqui se estruturam no termo de periferia, logicamente, como sendo bairros que rodeiam determinados centros.

Figura 10: Ruas do bairro Matosinhos com a ausência de iluminação pública



Fonte: Google Earth, 2022.

Em escalas maiores, de apoios e acolhimentos para mulheres negras, Instituto Geledés fundado, em 1988 por uma das principais ativistas negras no Brasil, Sueli Carneiro, tem como base trabalhar com questões raciais, de gênero e como todas essas classes se alcançam em peças fundamentais da sociedade, como na educação, trabalho, direitos humanos, políticas públicas, saúde e entre outras. (Geledés, 2022). Na zona leste de São Paulo possui também uma rede de apoio de psicoterapeutas para a população preta e periférica, inclusive mulheres³². O Geledés trabalha na divulgação dessas casas de apoio, como o Indique uma preta³³ que realiza um magnífico trabalho com mulheres negras, principalmente no âmbito da autoestima e mercado de trabalho. Daniele Mattos idealizadora e co-fundadora do projeto retrata uma experiência própria e cruel do mercado de trabalho,

tudo começou há três anos com suas próprias experiências no seu primeiro estágio na agência de publicidade Mutato. Na empresa, ela sentiu profundamente a falta de mulheres negras em ocupações administrativas ou executivas. Cada vez que ocupava novos espaços, ela se sentia mais sozinha pela falta de referências, gerando o sentimento de solidão, o que ela chama de ‘solidão da negra única’.

Assim que abriu uma vaga de estágio nesta empresa ela viu a oportunidade de ampliar a representatividade. Daniele incentivou a contratação de mais uma mulher negra e para isso criou um grupo no Facebook, publicando a vaga e promovendo a campanha de preenchê-la por mais uma mulher negra. Infelizmente, a iniciativa não deu certo para preencher a vaga, porém, o grupo que divulgou deu certo, tanto que surgiu uma foto de uma menina que conquistou uma vaga pela ajuda do grupo. (GELEDES, 2019)

³² Agência Mural: <https://www.agenciamural.org.br/podcast/casa-de-marias-a-rede-de-apoio-da-zl-para-mulheres-pretas/> Acesso em 03 de Novembro de 2022

³³ Portal Geledés: <https://www.geledes.org.br/conheca-o-indique-uma-preta-rede-de-apoio-para-mulheres-negras/> Acesso em 03 de Novembro de 2022

A fala da idealizadora vai de encontro com Grada Kilomba, como sujeitas falantes e ativas que buscam transformar teorias e práticas colonizadoras,

A reivindicação feminista *negras* não é classificar as estruturas de opressão de tal forma que mulheres *negras* tenham que escolher entre a solidariedade com homens *negros* ou com mulheres *brancas*, entre “raça” ou gênero, mas ao contrário, é tornar nossa realidade e experiências visíveis tanto na teoria quanto na história. O movimento e a teoria de mulheres negras têm sido, nesse sentido, um papel central no desenvolvimento de uma crítica pós-moderna, oferecendo uma nova perspectiva a debates contemporâneos sobre gênero e pós-colonialismo. (KILOMBA, 2019, p. 108)

Com a temática de reivindicações femininas, podemos perceber como o termo utilizado por Daniele Mattos é algo do cotidiano de negras, mas não fora nomeado ainda. A solidão da mulher negra é ampla em diversos sentidos, sejam eles amorosos, em relações de amizades, familiares e de trabalho. Possuir referências é algo admirável, que nos incentiva a ser quem somos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui proposta como Trabalho de Conclusão de Curso, teve como objetivo geral analisar a relação entre racismo e espaço público, buscando compreender como a herança da escravidão produz sociabilidades de conflito e ocupação de espaços.

Dessa forma para que o trabalho não se limitasse à teoria, a utilização dos questionários, embora um pouco demorada quando realizada, possibilitou registros importantes para a pesquisa. A busca por mulheres dispostas não foi algo difícil, visto que as mulheres quem entrei em contato foram solícitas e compreensivas quanto a motivação das perguntas. Pode-se chegar, assim, a algumas conclusões: mulheres sempre estão na busca e tentativas de ajudar outras mulheres. Ainda que esta seja uma percepção pessoal, senti aberturas na minha busca durante a pesquisa do tema, desde a elaboração até enfim conseguir as respostas para compor o trabalho.

Por fim, as variadíssimas formas se fazer a pesquisa, desde o tema que faria este trabalho algo importante, ao recorte espacial e temporal, fora motivo de dúvidas e inseguranças. A ausência de representação bibliográfica na temática de gênero, visto que o estudo é recente, teve-se a necessidade de adaptações do papel de uma pesquisadora participadora do trabalho. Consegui em diversas vezes perceber em um relato a dor dessas mulheres ao vivenciar violências e abusos de homens, protegidos por sociedade patriarcal e amparados em bases de um sistema escravista que animaliza uma mulher preta. Esse fato leva a percepções do dia a dia, como o racismo é ignorado por uma sociedade que nitidamente é dependente do mesmo para seu funcionamento.

As normas do capital se derivam de uma visão de mundo por essência capitalista: as mercadorias do espaço, os negros, marginalizados e periféricos permanecem diante do mundo moderno e pouco inseridos nas reflexões de chefes e governadores do município. O que enfatiza a necessidade de uma geografia cada vez mais científica e pautada nas relações do seu território. Tendo como base a noção de produção de espaços, é de responsabilidade de quem está fazendo a geografia perceber como o uso do espaço de dá através do corpo em sua plenitude de habitar– este último sempre analisado o plano individual e o coletivo de estar no espaço.

Dialogar com Paul Gilroy se faz necessário pois quando levantamos a ideia de espaço, nos leva a outro ponto: a de lar. Com a diáspora africana os negros foram vistos com uma ideia do sem lar, assim colocado pelo autor. Pelo fato de serem animalizados e

se tornarem mercadorias e assim homens e mulheres passam a ser coisa. E com a diáspora não se tem nada, são somente coisas.

Devo dizer sobre como dados referentes a população negra é difícil de se encontrar. Com o pressuposto de quantidade de violências sobre o sexo feminino e negros, era de se esperar a ausência de dados. Até mesmo a Prefeitura de São João del-Rei não possui dados sobre sua população negra, como número de mulheres empregadas, o índice de crianças nas escolas e creches- esta última ainda é um problema, pois a ausências de creches na cidade dificulta a carga horaria materna.

É preciso planejar os sistemas de forma que a condição do espaço seja acessível para todos, inclusive sobre serviços públicos. Quando coloco na pesquisa depoimentos de pessoas que não tem acesso a iluminação pública, estou falando como a cidade é gerida, ou melhor, para quem a cidade é gerida. Afinal, a cidade é para quem?

Considerando a sua totalidade, e condições oferecidas, podemos falar que a cidade é para quem pode pagar por ela. Se podem pagar por lugares valorizados, sempre terá sistemas de água, encanação, luz, esgoto, gás em perfeitas condições de uso. Agora, que não pode pagar, terá de ficar sem, com condições precárias, ou fazê-los com as próprias mãos. Como o caso do Bairro do Senhor dos Montes em a maioria das casas foram autoconstruídas em terrenos aforados³⁴.

Assim, elementos descritivos, que servem à identificação do sentido da noção de produção de espaço. A interseccionalidade entre raça, gênero e classe me permitiu visualizar a cidade em outra ótica, uma ótica escravista que utiliza de uma construção colonial da cidade para ainda produzir capital com lucros de um turismo. E esses sempre existem, para reunir todas as atividades da cidade que contemple as contradições do capital ainda que signifique ignorar as condições de reprodução desses espaços sociais e urbanos.

Devido a crescente onda dos ataques a pessoas negras em ambientes públicos ou privados, torna-se necessário aprofundarmos um pouco mais sobre o tema e suas minúcias. De letrar a sociedade em um fundamentalismo já existente no âmbito do racismo e suas práticas cotidianas, levar a educação afro-brasileira para escolas, e

³⁴ Revista Senhor dos Montes. Site: https://issuu.com/luizaqb/docs/revistasenhordosmontesvers_ofinal_folhasa3 Acesso em 07 de novembro de 2022.

principalmente compreender como mulheres negras são afetadas diretamente nesse fenômeno traumatizante e ao mesmo tempo invisibilizados ocupando espaços de subalternidade.

Pensar sobre espaços e cidades, se torna necessário, pois existem pessoas que estão sendo negadas a existirem em espaços urbanos. Começemos pela parte de conciliar a prática e teoria de uma cidade e como as duas se situam em uma dimensão crítica, lembrando que, desvendar os processos que embasam o racismo cotidiano faz parte do desvendamento dos processos que constroem o espaço social e da construção da teoria sobre a cidade.

Este trabalho tem sua importância inferida dentro do meio acadêmico, como produto de um ensino de qualidade e público, mas também para uma sociedade ainda racista e pouco alfabetizada racialmente. O que encaminha também para um entendimento racial para fora da Universidade e consolidando-se em espaços necessários.

Em que momento minhas ancestrais deixaram de ser sujeitas? O racismo estrutural por sua vez, é um marcador constante de que o preto é aquele indivíduo que precisa saber seu lugar e que alguém precisa fazer esse papel locacional. Já que ele insiste em andar livremente por metrô, ônibus, ruas e avenidas. Falar sobre corpos negros, sobretudo corpos femininos e negros, devemos falar juntamente a duplicidade de significados que esses corpos carregam.

Temos justificativas que legitimam essa estrutura de pensamento, inclusive de formas históricas que se alimentam dos dispositivos de poder há muito tempo, a animalização do outro. O que nos leva a refletir como a colonização da mente é diferente da colonização do espaço, porém bebem da mesma fonte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício. **A produção do espaço urbano**. Universidade do Rio de Janeiro. 2013.

Agência Brasil- Direitos Humanos. Site: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-08/risco-de-negro-ser-assassinado-e-26-vezes-superior> . Acesso em 04 de novembro de 2022.

Agência Mural: <https://www.agenciamural.org.br/podcast/casa-de-marias-a-rede-de-apoio-da-zi-para-mulheres-pretas/> Acesso em 03 de novembro de 2022.

Agência Patrícia Galvão. **Violência contra mulheres em dados. Racismo e Morte de mulheres no Brasil: Dados do Atlas da violência 2018**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/racismo-e-violencia-de-genero-dados-do-atlas-da-violencia-2018/> . Acesso em: 15 de outubro de 2022.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BIRMAN, Joel. **O Sujeito da Contemporaneidade: Espaço, Dor e Desalento**. In: Discurso, interlocuções e..., Alexandre Sebastião Ferrari Soares... [et al] (org.). Caxias do Sul, RS: Educs, 2019.

BRASIL, JUS. **Constituição Federal**. Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10730517/inciso-xv-do-artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988> . Acesso em 06 de novembro de 2022.

BISSIGO, Diego Nones. **O lugar dos africanos na estatística brasileira do século XIX. Afro-Ásia**, n. 56, 2017.

BRÜGGER, Silvia; OLIVEIRA, Anderson de. **Os Benguelas de São João del Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX)**. Tempo, v. 13, p. 177-204, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Uma leitura sobre a cidade**. Revista Cidades, v. 1, n. 1, p. 11-30, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a Partir de uma Perspectiva de Gênero**. Site: Portal Geledés.2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>. 06 de março de 2011. Acesso em: 20 de janeiro de 2021

CILLA, Karen Christina Dias da Fonseca; COSTA, Lucio Campos. **A análise de discurso como metodologia para o estudo de políticas educacionais: o caso da proposta curricular do estado de São Paulo**. 2015. Acesso em, v. 5, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Tradução de Liane Schneider. Estudos Feministas, Ano 10, 1º SEMESTRE 2002.

CNN Brasil (online). Site: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/como-o-preconceito-racial-afeta-a-saude-mental-da-populacao-negra/> . Acesso em 05 de novembro de 2022.

DATASUS (Online) Site: http://cnes2.datasus.gov.br/Listar_Mantidas.asp?VCnpj=17749896000109&VEstado=31&VNome=PREFEITURA%20MUNICIPAL%20DE%20SAO%20JOAO%20DELREI . Acesso em 05 de novembro de 22.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Revista brasileira de Educação, p. 40-51, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Brasil: IBG anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/>. 16 de outubro de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), Educa. Conheça o Brasil e população: cor ou raça. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20da,1%25%20como%20amarelo%20ou%20ind%C3%ADgenas> . Acesso em 05 de novembro de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de indicadores sociais. Características da população. Censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/pesquisa/23/25888?detalhes=true>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

JESUS, Jonathan. **Irmandades, Confrarias, Ordens Terceiras e Devoções: Quem são?** Arquidiocese de Salvador da Bahia, 2021. Disponível em: <https://arquidiocesosalvador.org.br/irmandades-confrarias-ordens-terceiras-e-devoco-es-quem-sao/#:~:text=Canonicamente%20esses%20grupos%20religiosos%20s%C3%A3o,para%20consecu%C3%A7%C3%A3o%20comum%20dessas%20finalidades%E2%80%9D>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

JESUS, Maria Carolina de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Àtica, 2007.

Jornal da USP. Site: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/> Acesso em 05 de novembro de 2022.

¹ <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr> Plataforma de streaming. Acesso em 06 de novembro de 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **África no Brasil: mapa de uma área em expansão**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 5, p. 35-53, 2004.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MEINING, Donald. **O Olho que Observa: Dez Visões sobre uma Mesma Cena**. Revista Espaço e Cultura nº 13, 2002.

MONBEIG, Pierre. **O estudo geográfico das cidades**. Revista cidades, v. 1, n. 2, p. 277-314, 2005.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**. São Paulo: Annablume, 2011.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura**. Trad. Fernanda Abreu; prefácio Ta-Nehisi Coates. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

Movimento Negro de São João del-Rei
<https://www.instagram.com/movimento.negro.sjdr/> Acesso em 06 de Novembro de 2022.

MUNANGA Kamengele, Portal Geledes 2015 Site: <https://www.geledes.org.br/a-preponderante-geografia-dos-corpos/> Acesso em 25 de outubro de 2022.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

PASSOS, Rachel Gouveia. **Mulheres Negras, Sofrimento e Cuidado Colonial**. Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea, Rio de Janeiro, 1o. semestre de 2020, no. 45, vol. 18, págs. 116-129.

Portal Geledes: <https://www.geledes.org.br/conheca-o-indique-uma-preta-rede-de-apoio-para-mulheres-negras/> Acesso em 03 de novembro de 2022

Portal Geledes. Kamengele Munanga, 2015 Site: <https://www.geledes.org.br/a-preponderante-geografia-dos-corpos/> Acesso em 25 de Outubro de 2022.

Portal de Notícias G1. SITE: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/06/06/negros-fedidos-crioulos-fedorentos-raca-impura-diz-mulher-a-familia-negra-em-metro-de-belo-horizonte-video.ghtml> . Acesso em 04 de novembro de 2022.

Portal de Notícias CNN Brasil. SITE: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-civil-investiga-caso-de-injuria-racial-no-metro-de-sao-paulo/> Acesso em 04 de novembro de 2022.

POST ADVERTISING RECHNOLOGY AGENCY (PATA). **Mapa Interativo Racial do Brasil**. Disponível em:

<<http://patadata.org/maparacial/#lat=-87.672173&lon=91.504767&z=12&o=t>> Acesso em: 11 de outubro de 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Revista Senhor dos Montes. Site: https://issuu.com/luizaqb/docs/revistasenhordosmontesvers_ofinal_folhasa3 Acesso em 07 de novembro de 2022.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero.** Estudos de Psicologia (Natal), v. 11, p. 65-69, 2006.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Questões urbanas e racismo.** Petrópolis: De Petrus, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Adriana Ferreira. **Carolina Maria de Jesus é tema de exposição no IMS e livros resgatam seus originais.** Revista Marie Claire. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2021/08/carolina-maria-de-jesus-e-tema-de-exposicao-no-ims-e-livros-resgatam-seus-originais.html> .Acesso em: 30 de outubro de 2022.

SILVA, Luiz Geraldo. Universidade Federal do Paraná. **Tópicos Especiais em História do Brasil.** Departamento de História. Disponível em:

<https://docs.ufpr.br/~lgeraldo/upoimagens5.html>. Acesso em: 1o de outubro de 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais.** 13. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

TEIXEIRA, Maria Santana dos Santos Pinheiro; DE QUEIROZ, Josiane Mendes. **Corpo em Debate: A Objetificação e Sexualização da Mulher Negra.** Revista Enlaçando, 2017.